

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA EDUARDA DE ANDRADE LIMA ALBUQUERQUE

**REFLEXÕES SOBRE NOVAS FORMAS DE USO DO ESPAÇO
DOMÉSTICO E A VARANDA: O QUE MUDA APÓS COVID 19?**

Recife, PE

2024

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

Maria Eduarda de Andrade Lima Albuquerque

**REFLEXÕES SOBRE NOVAS FORMAS DE USO DO ESPAÇO
DOMÉSTICO E A VARANDA: O QUE MUDA APÓS COVID 19?**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Prof(a). Dr(a). Ana Maria Filgueira Ramalho.

Recife, PE

2024

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

A586r Albuquerque, Maria Eduarda de Andrade Lima.
Reflexões sobre novas formas de uso do espaço doméstico e a varanda: o que muda após Covid 19? / Maria Eduarda de Andrade Lima Albuquerque. - Recife, 2024.
81 f. .: il. color.

Orientador: Prof.^a Me. Maria de Fátima Xavier do M. Almeida.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2024.
Inclui bibliografia.

1. COVID. 2. Adaptabilidade. 3. Ambiente doméstico. 4. Varanda. I. Almeida, Maria de Fátima Xavier do M. II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

72 CDU (22. ed.) FADIC (2024.1-001)

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA EDUARDA DE ANDRADE LIMA ALBUQUERQUE

**REFLEXÕES SOBRE NOVAS FORMAS DE USO DO ESPAÇO DOMÉSTICO E A
VARANDA: O QUE MUDA APÓS COVID 19?**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob orientação do Prof^a. Me. Maria de Fátima Xavier do M. Almeida.

Aprovado em _____ de _____ de 2024

BANCA EXAMINADORA

(Maria de Fátima Xavier do M. Almeida, Mestre, Faculdade Damas)

Orientadora

(Maria Luíza Lavor, Título, Instituição)

1º Examinador

(Pedro Valadares, Título, Instituição)

2ª Examinadora

AGRADECIMENTOS

Prezados,

Gostaria de registrar minha sincera gratidão a todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Inicialmente, desejo agradecer à minha orientadora, Professora Fátima Xavier, cuja orientação foi fundamental para o desenvolvimento deste projeto acadêmico. Sua paciência, credibilidade e todo o seu conhecimento, ajudaram significativamente o resultado em que chegamos.

Um agradecimento especial à professora Maria Luíza, cujo apoio foi inestimável ao longo desta jornada. Sua ajuda e motivação foram essenciais, ao longo deste trabalho.

Agradeço também ao meu marido, cujo apoio mútuo e colaboração foram essenciais ao longo dessa jornada acadêmica. Suas palavras de incentivo foram de grande valia durante os momentos desafiadores.

À minha mãe, expresso minha profunda gratidão pelo constante apoio e encorajamento. Seu suporte durante todo o meu curso foi essencial para minha formação, e por isso, sou imensamente grata.

Por fim, desejo estender meu agradecimento a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho, seja através de discussões construtivas, feedbacks ou simplesmente demonstrando interesse pelo meu progresso acadêmico.

Este trabalho representa não apenas minha dedicação, mas também a colaboração de uma rede de apoio, que me fez continuar com perseverança e resiliência, mesmo diante de diversos desafios e adversidades da vida.

Grato por tudo.

Atenciosamente,

Maria Eduarda de Andrade Lima Albuquerque.

RESUMO

Este trabalho aborda como a pandemia de COVID-19 influenciou a forma como as pessoas utilizam o espaço doméstico, especialmente em apartamentos urbanos, destacando a transformação das varandas em áreas multifuncionais. Trata-se também do impacto da pandemia em termos de mortes e recessão econômica, além das medidas adotadas para conter a propagação da doença. A pesquisa propõe investigar como as novas atividades desenvolvidas durante o isolamento social alteraram a configuração do espaço doméstico e como essas mudanças podem orientar futuros projetos residenciais. A hipótese central sugere que práticas emergentes, como ensino online e home office, moldaram significativamente o uso dos espaços domésticos, destacando a necessidade de adaptabilidade e multifuncionalidade. A pesquisa visa fornecer insights para arquitetos e urbanistas, contribuindo para a criação de ambientes residenciais mais adequados às necessidades contemporâneas. Além disso, destaca-se a importância da compreensão das novas dinâmicas do espaço doméstico para o planejamento habitacional. Academicamente, o estudo contribui para o avanço do conhecimento em arquitetura e design de interiores, ressaltando a importância da adaptabilidade na concepção de espaços residenciais. O trabalho é dividido em capítulos que abordam a evolução do espaço doméstico, a influência da pandemia de COVID-19 e a aplicação de um estudo de caso e questionário para analisar as mudanças no uso do espaço doméstico em apartamentos. As considerações finais resumem os resultados e conclusões da pesquisa.

Palavras-chave: COVID; adaptabilidade; ambiente doméstico; varanda.

ABSTRACT

This work addresses how the COVID-19 pandemic has influenced the way people use domestic space, especially in urban apartments, highlighting the transformation of balconies into multifunctional areas. It is also about the impact of the pandemic in terms of deaths and economic recession, as well as the measures taken to contain the spread of the disease. The research proposes to investigate how the new activities developed during social isolation changed the configuration of the domestic space and how these changes can guide future residential projects. The central hypothesis suggests that emerging practices, such as online teaching and home office, have significantly shaped the use of domestic spaces, highlighting the need for adaptability and multifunctionality. The research aims to provide insights for architects and urban planners, contributing to the creation of residential environments that are better suited to contemporary needs. In addition, the importance of understanding the new dynamics of the domestic space for housing planning is highlighted. Academically, the study contributes to the advancement of knowledge in architecture and interior design, underscoring the importance of adaptability in the design of residential spaces. The work is divided into chapters that address the evolution of domestic space, the influence of the COVID-19 pandemic, and the application of a case study and questionnaire to analyze changes in the use of domestic space in apartments. The final considerations summarize the results and conclusions of the research.

Keywords: COVID; adaptability; home environment; balcony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de casa do Brasil colônia.....	13
Figura 2 – Planta baixa de casa de dois pavimentos na rua da Assunção....	14
Figura 3 – Planta baixa de casa com três pavimentos.....	16
Figura 4 e 5 – Planta baixa no Pátio de São Pedro, Olinda, de 1610.....	18
Figura 6 – Planta baixa de casa com três pavimentos e cinco banheiros, século XIX	19
Figura 7 – Planta baixa de casa de dois pavimentos	20
Figura 8 e 9 – Exemplo de alpendre, a esquerda e varanda, a direita.....	21
Figura 10 – Pavimento-tipo do Edifício Tinguá	23
Figura 11 - Casa da fazenda Colubandê, São Gonçalo (RJ).....	27
Figura 12- Casa do Pátio São Pedro, Olinda – PE.....	28
Figura 13, 14 e 15 - Fazenda do Viegas, construída no século XX.....	29
Figura 16 – planta de setorização do apartamento.....	43
Figura 17 – Mapa do uso dos espaços durante a pandemia.....	44
Figura 18 - Mapa do uso dos espaços no período pós-pandemia.....	44
Figura 19 – Uso dos ambientes durante a pandemia, no período da manhã....	45
Figura 20 – Uso dos ambientes pós-pandemia, no período da tarde.....	46
Figura 21 – Padrões de interação do uso dos espaços durante a noite, na pandemia.....	47
Figura 22 - Distribuição geográfica dos entrevistados.....	51
Figura 23 – Resultado da quantidade de moradores.....	51
Figura 24 – Resultado da idade dos moradores.....	52
Figura 25 - Área dos apartamentos.....	52
Figura 26 - Cômodos dos apartamentos.....	53
Figura 27 – Atividades realizadas em casa durante o COVID que não eram feitas antes da pandemia.....	53
Figura 28 – Atividades realizadas em casa durante o COVID: cômodos.....	54
Figura 29 – Período pós-pandemia e as atividades realizadas na pandemia.	55
Figura 30 – Principais atividades que permaneceram sendo desenvolvidas após a pandemia.....	56
Figura 31 – Dificuldades associadas ao uso da varanda para trabalho.....	57
Figura 32 - Dificuldades associadas ao uso da varanda para atividades terapêuticas.....	57
Figura 33 - Dificuldades associadas ao uso da varanda para exercícios físicos.....	58
Figura 34 – Reformas na varanda.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O ESPAÇO DOMÉSTICO E A VARANDA	11
1.1. Evolução do espaço doméstico e formas tradicionais de uso.....	11
1.2. A função da varanda no espaço doméstico.....	24
2. COVID-19 E O ISOLAMENTO SOCIAL	32
2.1. COVID 19 e o impacto nas pessoas.....	32
2.2. COVID 19 e o impacto no espaço doméstico.....	36
3. NOVAS FORMAS DE USO EM APARTAMENTO EM RECIFE ANTES E APÓS COVID -19.....	40
3.1. Novas formas de uso do apartamento, um estudo de caso	41
3.1.1. Uso do apartamento durante o período na manhã	42
3.1.2. Uso do apartamento durante o período da tarde.....	44
3.1.3. Uso do apartamento no período da noite	45
3.1.4. Uso e adaptações na varanda durante a pandemia	47
3.2. Novas formas de uso em apartamentos em Recife.....	49
3.2.1. Localização dos apartamentos e perfil dos moradores	49
3.2.2. Atividades realizadas no apartamento antes e depois da COVID-19.....	51
3.2.3. Síntese dos dados analisados com o questionário online	57
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	67
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO EM PLATAFORMA GOOGLE	70
APENDICE B - GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....	76

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19 trouxe consigo não apenas desafios sem precedentes, mas também oportunidades para reimaginar o espaço doméstico e suas múltiplas funcionalidades. Em particular, apartamentos urbanos viram uma transformação significativa em sua dinâmica, com novas formas de uso emergindo e redefinindo a função de áreas antes subutilizadas, como as varandas.

Cabe ressaltar que o impacto da COVID-19 foi bastante significativo em vários aspectos, tanto em relação ao número de mortes e a recessão econômica também foi uma consequência grave. Segundo Who (2020), houve uma série de impactos nos países afetados e isso inclui não apenas um aumento significativo no número de mortes, resultando em colapso nos sistemas de saúde e funerários, mas também uma recessão econômica devido ao fechamento de polos comerciais e industriais considerados não essenciais.

Para evitar uma calamidade ainda maior, foram implementadas diversas medidas políticas para conter a disseminação da doença, tais como confinamento, quarentena, redução de atividades não essenciais, retomada gradual das atividades econômicas e adoção de protocolos sanitários. As repercussões dessas medidas afetaram as interações sociais, o ambiente de trabalho e as experiências de lazer, que se limitaram principalmente ao ambiente doméstico.

Neste contexto, surgem questões norteadoras para a presente pesquisa: como as novas atividades desenvolvidas durante o período de isolamento social influenciaram a configuração do espaço doméstico, especialmente em apartamentos, e como essas mudanças podem orientar a concepção de futuros projetos residenciais? Quais as novas formas de uso do espaço doméstico durante a pandemia do COVID 19 que alteraram o programa de necessidades dos moradores e a função da varanda em apartamentos que poderão servir de parâmetro para concepção de novos projetos de prédios residenciais?

A hipótese central desta pesquisa sugere que as práticas emergentes, como o ensino online, o home office, atividades físicas e terapêuticas, moldaram de maneira significativa a forma como as pessoas utilizam seus espaços domésticos. Essas mudanças não apenas destacam a necessidade de adaptabilidade e

multifuncionalidade, mas também abrem espaço para reflexões sobre como o espaço doméstico pode ser melhor projetado para atender às demandas contemporâneas.

Para responder ao problema de pesquisa contextualizado, tem como objetivo geral analisar se as novas formas de uso desenvolvidas no espaço do apartamento durante e após a pandemia alteram o programa de necessidades e a função da varanda na cidade de Recife, Pernambuco. Para alcançar esse objetivo geral vai ser preciso seguir os objetivos específicos: analisar a evolução das práticas de uso do espaço doméstico ao longo da história, identificar a diversidade das atividades realizadas neste contexto durante a COVID-19 e comparar o uso das varandas antes e durante o período de isolamento social, destacando suas transformações e potenciais impactos na concepção de espaços residenciais futuros.

Ao explorar essas questões, espera-se fornecer insights valiosos para arquitetos, urbanistas e profissionais da área de construção, contribuindo para a criação de ambientes residenciais mais adaptados às necessidades contemporâneas e às demandas de um mundo em constante mudança.

A importância desta pesquisa transcende o âmbito acadêmico, alcançando esferas pessoais e profissionais. Em primeiro lugar, compreender as novas dinâmicas do espaço doméstico durante a pandemia é crucial para a adaptação e planejamento futuro, tanto para indivíduos quanto para profissionais da arquitetura e do urbanismo. Além disso, ao fornecer insights sobre as necessidades e preferências emergentes dos moradores urbanos, esta pesquisa pode informar políticas públicas relacionadas ao desenvolvimento urbano e habitacional.

Do ponto de vista acadêmico, este estudo contribui para o avanço do conhecimento no campo da arquitetura e design de interiores, fornecendo uma compreensão mais profunda das interações entre o ambiente construído e as práticas sociais em constante evolução. Além disso, ao destacar a importância da adaptabilidade e da flexibilidade na concepção de espaços residenciais, busca-se inspirar futuros estudos e abordagens inovadoras no campo do design ambiental.

Em suma, ao explorar as novas formas de uso do espaço doméstico durante a pandemia de COVID-19, esta pesquisa visa não apenas entender as mudanças ocorridas, mas também oferecer insights valiosos para a concepção de espaços residenciais mais adaptados às necessidades contemporâneas, beneficiando tanto indivíduos quanto profissionais do setor e contribuindo para o avanço do conhecimento acadêmico no campo da arquitetura e do design de interiores.

Para isso, esse trabalho foi dividido de forma que o primeiro capítulo tratará sobre o espaço doméstico, ao abordar sobre a sua evolução desde o Brasil colônia até as tendências contemporâneas. Além disso, ainda faz uma análise de como as moradias brasileiras mudaram ao longo dos séculos, refletindo transformações sociais, culturais e tecnológicas, destacando o papel da varanda no contexto da habitação, examinando sua importância histórica e suas múltiplas funções ao longo do tempo.

O segundo capítulo explora a pandemia do COVID-19, examinando aspectos fundamentais que destacam a interação entre a história contemporânea e o âmbito doméstico. Inicialmente, trata-se da significância histórica do COVID-19 e dos desafios provenientes do distanciamento social e como a emergência desta pandemia global tem representado um divisor de águas na história, reconfigurando nossas interações sociais e deixando um legado que tem o potencial de influenciar profundamente a forma como concebemos e utilizamos nossos espaços residenciais. Em seguida, aprofunda-se nas adaptações do espaço doméstico durante este período histórico, desde a busca por ambientes mais versáteis até a integração de áreas destinadas ao trabalho remoto e ao ensino online.

O capítulo três trará a parte empírica com aplicação do estudo de caso e um questionário. O estudo de caso é aplicado em um apartamento localizado em Recife/PE, Brasil, onde busca-se identificar os ambientes, atividades e usos por meio de observação participante e entrevistas, comparando os usos dos espaços durante e após a pandemia.

Em relação ao questionário online, houve a adesão de 47 voluntários. O questionário foi montado via google forms o qual permite receber as respostas em forma de gráficos para uma análise posterior. Teve como objetivo compreender o uso do espaço doméstico, a flexibilidade da varanda e as mudanças realizadas durante e após a pandemia. As novas formas de uso foram avaliadas apenas em sala, varanda, quartos e cozinha por considerá-los ambientes mais adequados à multiplicidade de atividades.

O capítulo quatro irá apresentar as considerações finais do trabalho, analisando os resultados encontrados e as conclusões desenvolvidas pela autora a partir do desenvolvimento desta pesquisa.

1 O ESPAÇO DOMÉSTICO E A VARANDA

Esse capítulo aborda a evolução do espaço doméstico desde o Brasil Colônia até as tendências contemporâneas. Analisam-se a evolução dos espaços das moradias brasileiras e as formas tradicionais de uso refletindo mudanças sociais, culturais, tecnológicas e comportamentais. Além disso, destaca-se a função da varanda devido a sua importância histórica e flexibilidade às novas formas de uso do espaço doméstico. A varanda não é apenas um elemento arquitetônico, mas também um espaço de convívio e interação social dentro da residência, influenciando significativamente a forma como as famílias vivenciam e utilizam seu ambiente doméstico.

1.1 Evolução do espaço doméstico e formas tradicionais de uso

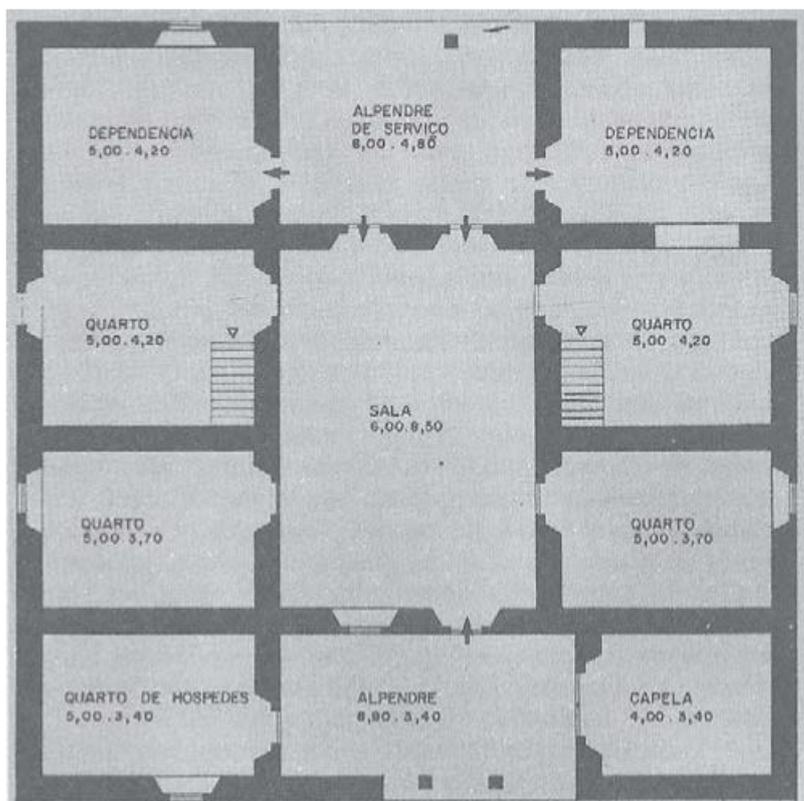
A análise do espaço doméstico apresenta uma dificuldade intrínseca devido à sua tendência de ser desvinculada do contexto social, comportamental, cultural e ambiental que o molda. Conforme ressaltado por Pontual (2009), esse espaço não se resume apenas à sua configuração física, mobiliário e equipamentos; ele está profundamente entrelaçado com o comportamento dos indivíduos que o habitam, refletindo e influenciando as dinâmicas sociais. Contudo, é frequente que a habitação brasileira seja analisada de maneira isolada, separada de seu contexto, o que resulta em uma historiografia fragmentada e dificulta a compreensão das suas transformações ao longo do tempo.

Desse modo, compreender o espaço doméstico requer uma análise integrada dos aspectos anteriormente mencionados, para uma visão mais completa da sua evolução no contexto brasileiro. Para uma compreensão mais abrangente, é crucial considerar não apenas a arquitetura e design de interiores, mas também os fatores que moldam o espaço doméstico para execução de atividades dos moradores.

Ao analisar a evolução do espaço doméstico no Brasil, constata-se que a condição de vida dos colonos nos primeiros anos do Brasil Colônia refletia um contexto marcado por isolamento social, visto que as residências eram prioritariamente rurais e havia uma distância considerável entre as casas, influenciando diretamente as relações familiares e a sociabilidade doméstica. Desse modo, destaca-se que no início do Brasil Colônia, devido ao vasto território pouco povoado, a vida pública era

praticamente inexistente, o que contribuiu para um sentido de isolamento social. A Figura 1 ilustra uma casa construída nos primeiros anos do Brasil Colônia em uma área rural. Nela, nota-se que a residência possui pouca privacidade entre os ambientes, visto que a sala dava acesso a qualquer um dos ambientes da casa.

Figura 1 – Exemplo de casa do Brasil colônia



Fonte: Lemos (1996, apud Valéry, 2011)

Observa-se, como ilustra a mesma imagem, que a residência concentra no mesmo espaço, elementos que posteriormente viriam a ser autônomos, como a capela. Outro fato interessante, é que os acesso às casas se faziam pelos alpendres, que estavam situados na frente das casas, por onde tinha acesso a família e os convidados, e atrás, que era utilizado pelos empregados e escravos. A sala de estar ocupava o centro da casa, sendo passagem obrigatória para os demais cômodos. Além disso, as grandes distâncias entre as casas de campo tornavam a hospitalidade uma obrigação social, o que explicava a existência de um quarto de hóspedes, conforme discute Valéry (2011).

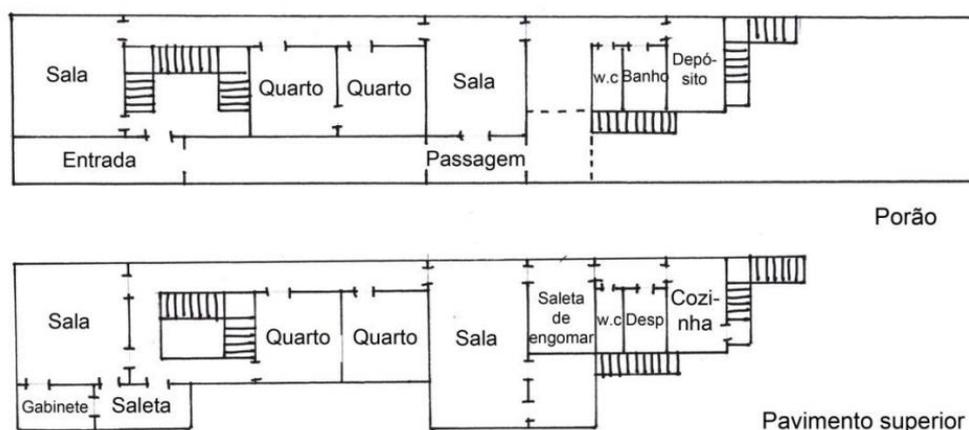
Nesse cenário, a vida dos colonos era permeada por muito trabalho, pouco tempo livre e recursos financeiros limitados, o que resultava em uma sociabilidade doméstica restrita. A natureza provisória e passageira da vida colonial levava a um

desinteresse na esfera íntima, pois havia pouca disponibilidade para investir em móveis e conforto doméstico. Dessa forma, a sociedade colonial era caracterizada por um paradoxo: “o isolamento social pode tanto incentivar quanto impedir a intimidade, criando uma dinâmica complexa marcada por solidão e restrição na esfera doméstica” (ALGRANTI, 1997, apud NOVAES, 2014).

A divisão de papéis de gênero na estrutura familiar, reflete-se na configuração e nas formas de uso dos espaços habitacionais durante o período histórico da sociedade colonial, destacando a predominância das mulheres nas atividades domésticas e o papel dos homens no sustento do lar. Durante esse período, a casa passou a ser reconhecida como o domínio predominante das mulheres, onde elas desempenhavam suas atividades domésticas e assumiram os papéis de mães e esposas exemplares. Enquanto isso, os homens assumiram responsabilidades mais voltadas para o âmbito público, concentrando-se no sustento do lar.

Essa divisão de papéis dentro da estrutura familiar teve um impacto direto na configuração dos espaços habitacionais, resultando na separação entre o trabalho masculino e os espaços domésticos. Surgiram, então, áreas específicas na casa dedicadas exclusivamente às mulheres, enquanto outras áreas eram reservadas para os homens, refletindo a clara distinção entre o público e o privado, de acordo com Junqueira Schettino (2012).

Figura 2 – Planta baixa de casa de dois pavimentos na rua da Assunção



Fonte: Schettino (2012)

Nota-se, a partir da Figura 2, a presença de cômodos destinados ao uso do trabalho masculino, como o gabinete e a saleta, enquanto outros cômodos, como a sala de engomar, eram destinados ao uso das mulheres para suas atividades

domésticas. Outros exemplos de cômodos típicos para o uso das mulheres, citado por Schettino (2012), são o quarto de vestir ou toilette, enquanto algumas casas mais abastadas possuíam sala de bilhar para uso do homem.

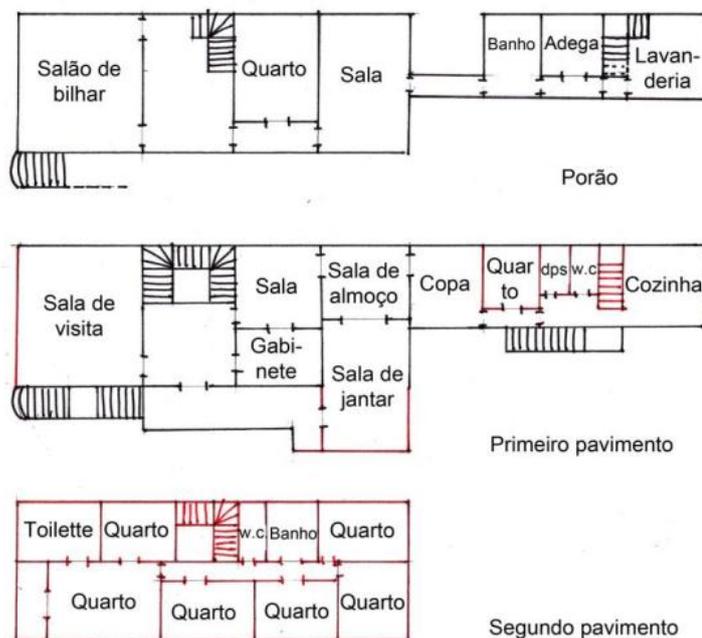
Quanto ao gabinete e a sala de bilhar, ainda se pode acrescentar, conforme disserta Carvalho (2000), que o gabinete de trabalho era o local onde o proprietário da casa recebia visitas de clientes e amigos, até mesmo desconhecidos, enquanto a sala de bilhar, importante para a sociabilidade masculina do século XIX, era frequentemente localizada em uma extremidade da casa, muitas vezes no porão, com entrada privativa para garantir sua independência. Aspectos como o tamanho do espaço e a iluminação difusa eram considerados na sua elaboração.

Desse modo, quanto à divisão dos cômodos da residência não só pela função, mas também pelas formas de uso entre homens e mulheres. Homem (1996) afirma que, ainda no século XIX, apesar de a casa ser considerada o "reino da mulher", a maioria dos espaços eram dedicados aos homens, como a sala de bilhar, a biblioteca e o *fumoir*. O gabinete, também aparecia como um espaço masculino reservado, revelando a presença predominante de aposentos tipicamente masculinos, em contraste com a menor incidência de espaços femininos, como a sala da senhora ou sala de costura, que geralmente se encontravam no porão próximo à área de serviço ou entre o setor social no primeiro andar.

Com o passar dos anos, pode-se afirmar que a casa brasileira passou por uma mudança significativa a partir de 1820, tornando-se um novo centro para a vida social, marcando um contraste com o início do período colonial em que a sociabilidade ocorria principalmente fora do ambiente doméstico. A partir da década de 1820, segundo Santos (2011), observa-se uma mudança significativa na configuração social da casa brasileira, tornando-a um novo centro para a prática da vida social.

Embora a estrutura física da casa tenha permanecido essencialmente a mesma, as mudanças significativas concentraram-se na decoração e no arranjo do mobiliário, especialmente nos espaços de recepção. As transformações introduzidas não afetaram a estrutura tradicional da casa, mas focaram diretamente os espaços destinados à sociabilidade e ao receber visitas, conforme a Figura 3.

Figura 3 – Planta baixa de casa com três pavimentos.



Fonte: Schettino (2012)

Nota-se a partir da Figura 3 a presença proeminente das salas de visita, que conforme disserta Schettino (2012), já eram presentes no início do período colonial, mas tornaram-se mais proeminentes a partir do início do século XIX, sendo bem mobiliadas e decoradas, refletindo o status social da família. A quantidade de salas específicas, como as de dança, fumo e recepção, variava conforme o poder aquisitivo da família, conforme ilustrado na Figura 3. A sociabilidade ganhou destaque na sociedade da época, evidenciada pela importância dada a esses espaços.

Além disso, como já fora destacado, os aspectos culturais influenciam no aspecto doméstico, como disserta Santos (2011), ao relatar que no início do século XIX, outro fator determinante para as modificações que ocorriam no espaço doméstico, foi a chegada de artistas franceses, não apenas para contribuir em novas construções, mas também para o ensino de novos profissionais, marcando o início do ensino superior no Brasil, incluindo a arquitetura. A abertura dos portos, juntamente com a influência desses grupos e a importação de técnicas construtivas representaram marcos significativos de inovação no início do século. Essas mudanças, juntamente com a influência europeia, levaram a uma maior atenção tanto para o interior quanto para o exterior das casas, antes caracterizadas por ambientes mais vazios e paredes externas simples.

Desse modo, pode-se concluir com base no discutido por Santos (2011) nos parágrafos anteriores, que no século XIX, há uma notável supervalorização da aparência de riqueza e modernidade na sociedade brasileira, observando-se que o modo de vida das famílias mais privilegiadas passa a ser desejado pelas famílias das camadas médias, observando-se o uso de cômodos tipicamente burgueses em casas mais simples, sendo esses cômodos a sala de bilhar, o gabinete, a saleta, o quarto de vestir, e a presença de várias salas, principalmente as casas das famílias mais abastadas, refletindo uma busca por status e proximidade com as inovações da corte real e da elite do Rio de Janeiro. A configuração das casas burguesas, embora mantendo a organização do período colonial, passa por mudanças na decoração e arranjo de mobiliário, especialmente nas salas de visitas.

Por fim, é importante ainda destacar como um fato histórico como o cultivo do café influenciou nas mudanças do espaço doméstico, conforme Santos (2011) afirma que com o crescimento da importância do cultivo do café nas áreas rurais, os ricos produtores buscam demonstrar sua influência adotando estilos semelhantes aos das elites urbanas. A ostentação através da casa, indicada pelo porte, número de janelas e cômodos, torna-se um hábito presente desde o período colonial.

Outro fato histórico importante ocorreu na segunda metade do século XIX, segundo Lemos (1993), o contato mais frequente com notícias e inovações tecnológicas, resultantes da Revolução Industrial, traz mudanças significativas nos espaços residenciais. A introdução da iluminação a gás, importada da Europa, impulsiona rearranjos nas atividades domésticas, e a industrialização dos alimentos transforma o planejamento, o dimensionamento das casas e espaços de atividades. Além disso, conforme afirma Junqueira (2012), outras inovações, como o surgimento do fogão de ferro e o abastecimento de água corrente nas residências a partir da segunda metade do século XIX, também impactam a configuração das casas e as formas tradicionais de uso. O banheiro, antes fora da casa no início do período colonial, passa a integrar o interior, contribuindo para a mudança na organização dos espaços e aprimorando as condições de higiene e praticidade nos afazeres domésticos, conforme ilustram as Figuras 4 e 5 (casa com banheiro na parte externa) e Figura 6 (Casa com banheiro na parte interna da casa).

Figuras 4 e 5 – Planta baixa no Pátio de São Pedro, Olinda, de 1610.



Fonte: Collin (2011)



Figura 6 – Planta baixa de casa com três pavimentos e cinco banheiros, século XIX.

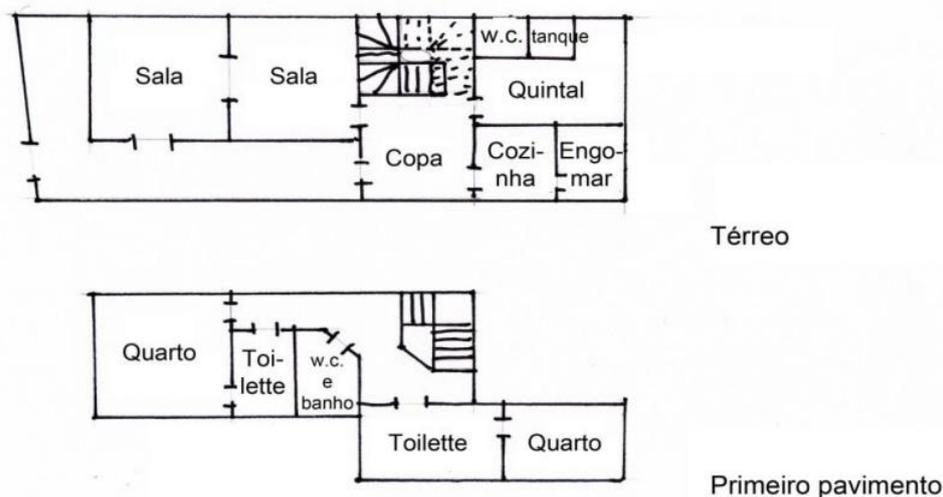


Fonte: Schettino (2012)

Percebe-se que na casa que ilustra as residências do início do Brasil Colônia (Figura 6), no século XVII, o banheiro fica localizado na área externa da casa, no pavimento térreo, enquanto na Figura 7, esse cômodo passa a ser parte da esfera íntima da casa, estando distribuído em todos os pavimentos.

Dessa forma, constata-se que a ideia de uma casa mais social teve início no período colonial e estendeu-se até o início do século XX. A casa moderna, conforme apontado por Junqueira (2012), começou a se configurar no século XVIII, com uma clara separação entre os setores social, íntimo e de serviço. Essa setorização consolidou-se ao longo dos séculos, refletindo mudanças no contexto social do final do século XIX e início do século XX, como a valorização dos ambientes sociais, a redução dos ambientes de serviço e a incorporação de novas tecnologias, conforme ilustra a Figura 7.

Figura 7 – Planta baixa de casa de dois pavimentos



Fonte: Schettino (2012)

Na casa retratada na Figura 7 pode-se ver claramente a setorização das zonas social, íntima e de serviço, onde o pavimento térreo abriga os setores social e de serviço, sendo a parte social localizada próxima a porta de entrada, contando com duas salas e a área de serviços (copa, cozinha, sala de engomar, tanque), nos fundos desse pavimento, sendo feito o acesso para esse setor por um corredor na área lateral da residência. No pavimento superior se encontra a área íntima, que conta com a presença dos quartos, toilette e banheiro.

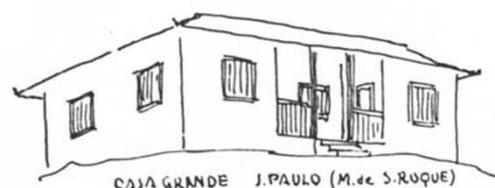
Além disso, quanto a incorporação de novas tecnologias, Schettino (2012) cita, por exemplo, a crescente importação de materiais hidráulicos, que facilitou a inclusão de banheiros nas residências, especialmente entre a elite, havendo uma ampliação no número de salas de banho nos palacetes, tornando comum encontrar esse cômodo não apenas no térreo próximo à cozinha, mas também no segundo pavimento.

Durante o início do século XX, segundo o autor, a casa brasileira passou por grandes transformações, incluindo a introdução de corredores, banheiros completos, varandas, alpendres e acomodações para empregados. Destacou-se o uso de elementos de ferro e coberturas de varandas com vidro, explorando novas possibilidades estruturais e contribuindo para o avanço na arquitetura. Apesar das transformações na arquitetura brasileira, alguns costumes antigos persistiram nas primeiras décadas do século XX, como a preocupação em demonstrar status por meio da fachada e do alpendre. Junqueira (2012) aborda esse tema ao falar como o esforço em aparentar boas condições financeiras para obter status, refletiu na atenção dada às fachadas frontais e alpendres.

Cabe ressaltar, quanto às definições de alpendre e varanda, que de acordo com Lemos (1996), embora frequentemente consideradas sinônimas, as palavras alpendre e varanda têm funções distintas. O alpendre é descrito como um telhado que se estende para fora da parede principal da casa, apoiado em colunas nas extremidades, com a principal função de fornecer sombra à construção e evitar o acúmulo de calor do sol nas paredes, proporcionando assim um ambiente mais fresco no interior. Por outro lado, a varanda é caracterizada como um espaço refrescante e de lazer para a família, podendo ou não ser coberta por um alpendre, como é ilustrado nas Figuras 8 e 9.

Figura 8 e 9 – Exemplo de alpendre, à esquerda, e varanda, à direita.

Fonte: Brandão e Martins (2007)



Cabe ressaltar, que as manifestações arquitetônicas ecléticas são consideradas símbolos da transição entre os séculos XIX e XX, refletindo os ideais de modernidade e civilização da sociedade em formação. Para Fonseca (1997), o Eclétismo, amplamente utilizado na arquitetura no século XX, é caracterizado pela combinação de diferentes estilos históricos, o que gerou uma conotação negativa na historiografia arquitetônica, visto que este estilo era considerado uma imitação dos estilos europeus, com análises muitas vezes superficiais e centradas nas fachadas. As casas das classes privilegiadas adotaram o Eclétismo como forma de representar o sucesso econômico, os gostos pessoais e as preferências culturais de seus proprietários, tornando-se símbolos de status e individualidade. O eclétismo no Brasil valorizava o conforto, luxo e requinte, com destaque para o papel importante do alpendre lateral na proteção da entrada principal e como filtro entre o interior e o exterior da moradia.

Na década de 1930, a introdução e consolidação dos prédios marcou uma transformação na configuração urbana. Segundo Reis Filho (1997), testemunhou-se

a proliferação de uma grande inovação no setor residencial: o surgimento dos prédios e arranha-céus no ramo residencial. Com a consolidação desse modelo, o termo "edifício", antes utilizado apenas para prédios de escritórios, passou a incluir também os prédios de apartamentos. Esta mudança trouxe à tona a discussão sobre um novo modelo de cidade.

Os primeiros arranha-céus nas cidades brasileiras surgiram como símbolos de progresso e avanço técnico. No entanto, os apartamentos ainda eram concebidos como as residências tradicionais, não como uma solução inovadora. Internamente, reproduziam as plantas das residências isoladas, mantendo corredores, salas, saletas e amplos alpendres, proporcionando aos habitantes uma réplica dos ambientes de origem (REIS FILHO, 1997).

Os primeiros edifícios modernos surgiram como soluções formais apresentando ruptura nos padrões arquitetônicos utilizados até então, de acordo com Reis Filho (1987). Os prédios de apartamento variam consideravelmente, mas a ruptura da hierarquia das fachadas e o tratamento uniforme de todas as elevações, características da arquitetura modernista, surgem apenas por volta do meio do século XX. Esse período coincide com o ápice do modernismo no Brasil e com mudanças na legislação de construção e na disponibilidade de terrenos mais amplos, favorecendo uma nova abordagem na implantação dos edifícios. A industrialização e urbanização intensas que precederam a explosão da arquitetura modernista brasileira foram impulsionadas pela necessidade de industrialização durante a Segunda Guerra Mundial, levando o país a se tornar mais autossuficiente em diversos setores, incluindo a construção civil.

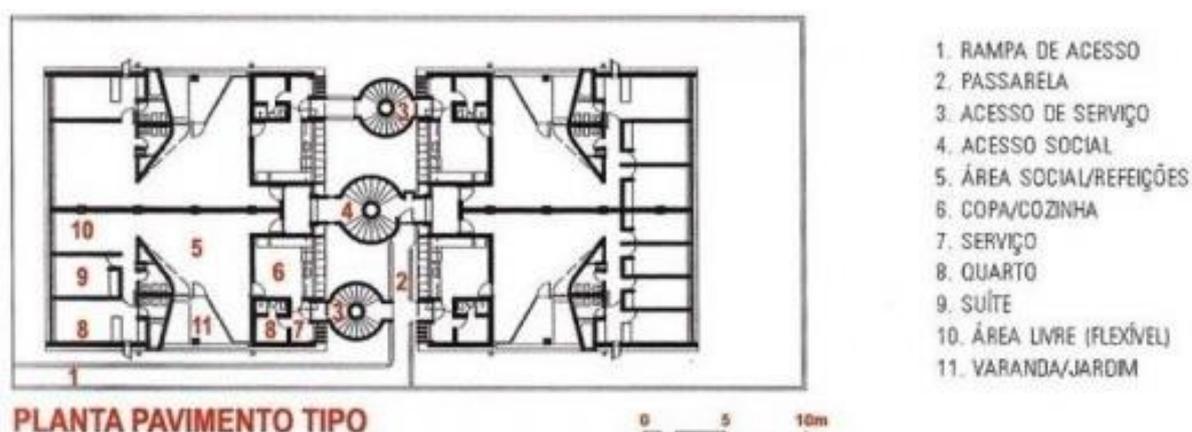
Reis Filho (1997) ainda argumenta que a concepção dos prédios de apartamento, ainda atrelada à ideia de casas isoladas, sem abordar um problema inovador na escala apropriada, resultou na verticalização. Embora tenha aberto novas perspectivas, essa verticalização também destruiu conquistas da arquitetura nas residências individuais, como a reconciliação com a natureza, a integração de espaços interiores e exteriores, e a liberdade de disposição do edifício sobre o terreno.

Em cidades como São Paulo, a década de 30 do século XX consolidou a "fase rentista" da habitação, que foi um período em que o mercado imobiliário é dominado por investidores visando lucro através do aluguel ou venda de propriedades, em vez de promover o acesso à habitação como um direito básico, o que resultou em preços elevados, dificultando o acesso à moradia acessível para a população em geral. Essa

abordagem muitas vezes leva à especulação, gentrificação e deslocamento de moradores de baixa renda, levando à racionalização dos espaços, principalmente nos apartamentos, tendência construtiva da época.

Ainda na década de 30, essa busca por racionalização manifestou-se na redução de áreas dos cômodos e na eliminação de alguns, como a sala de jantar e a copa, que foi integrada à cozinha. Os apartamentos destinados ao aluguel eram versões reduzidas das casas térreas, porém, com a ausência de alguns cômodos, de acordo com Villa (2002), conforme ilustra a Figura 10.

Figura 10 – Pavimento-tipo do Edifício Tinguá



Fonte: Santa Cecília (2006)

Como se observa, a racionalização dos espaços também pode ser associada à tentativa de americanização das moradias, influenciada pelas telas de cinema. A fusão da copa com a cozinha reflete a introdução de eletrodomésticos e a promessa de facilitar o trabalho doméstico, enquanto ausência de um espaço exclusivo para a copa contradiz o modo de morar imposto pelo cinema em relação aos hábitos locais, onde a copa brasileira era um ambiente de convívio social e escuta coletiva do rádio.

Diante de tantas mudanças ocorridas no espaço doméstico, a habitação segundo Costa Filho e VillaCorta (2018) sintetiza diversas funções domésticas para suprir as necessidades humanas ao longo do tempo, tais como convivência, cuidado pessoal, armazenamento e limpeza. Estas funções podem ser consideradas comuns a todas as habitações, sendo elas: “a) convívio familiar e social, lazer e recreação; b) alimentação; c) repouso; d) estudo e trabalho; e) higiene pessoal; f) tratamento de roupas; g) manutenção doméstica e armazenagem; h) circulação e estacionamento de veículos” segundo Macedo (2017) citado por Costa Filho e VillaCorta (2018).

Embora não situadas em cômodos específicos, essas funções, segundo o autor, são geralmente associadas a determinados espaços na habitação brasileira, geralmente compondo a parte social, íntima e de serviço.

Os espaços sociais, como sala de estar, têm evoluído ao longo do tempo, às vezes incluindo áreas externas de convívio. Já os espaços íntimos, como quartos e banheiros, visam proporcionar privacidade aos usuários, com funções como repouso, higiene e, mais recentemente, estudo e trabalho. O setor de serviços, incluindo cozinha e lavanderia, é destinado à alimentação e tratamento de roupas, com atividades como preparação de alimentos e lavagem de roupas. A introdução de aparelhos elétricos trouxe mudanças físicas e redução de espaços, destacando a cozinha como o principal ambiente do setor de serviços, enquanto a copa persiste em algumas residências, especialmente em casas maiores.

As formas tradicionais de uso na área social, segundo Costa Filho e Villacorta (2018, p.3) são contempladas as seguintes atividades: “fazer refeições coletivamente, receber visitas, conversar, assistir televisão, ouvir música, ler, brincar, jogar, realizar atividades manuais e usar o computador – cada vez mais presente nas residências”. No setor íntimo, são: “dormir, descansar, ler, convalescer, tratar enfermos, alojar hóspedes, cuidar de crianças, permanecer reservado”. Na área de serviço, continua Costa Filho e Villacorta (2018, p.03)

As principais atividades relacionadas à alimentação são: guardar alimentos e utensílios, preparar alimentos e refeições, lavar utensílios, eliminar resíduos, enquanto as atividades relativas ao consumo de alimentos correspondem a fazer refeições correntes ou formais. A função de tratamento de roupas compõe-se de atividades de naturezas distintas, tais como: armazenar roupa suja, lavar roupa a mão ou na máquina, secar roupa, costurar roupa, passar roupa e guardar roupa limpa. Costa Filho e Villacorta (2018, p.03)

Costa Filho e Villacorta (2018, p.04) descrevem as atividades do espaço doméstico desenvolvidas na área social, íntima e de serviço antes da pandemia de 2019, porém constatam que novas tendências comportamentais e mudanças sociais já estavam interferindo no padrão da moradia e na forma de uso dos espaços domésticos anterior a 2018 devido aos “novos arranjos familiares, o papel da mulher, o *home office*, o processo de acúmulo de eletroeletrônicos e a compactação da moradia”. Os autores acrescentam que essas tendências comportamentais e sociais começam a ocorrer a partir da década de 2000, ou seja, duas décadas antes da

pandemia do COVID 2019. Pode-se concluir que tais alterações estavam ocorrendo de forma lenta - duas décadas- a ponto de não gerar impactos brutos nas formas tradicionais de uso do espaço doméstico.

Diante do que foi exposto, chega-se à conclusão de que a evolução do espaço doméstico e suas várias formas de uso são decorrentes de fatores históricos, sociais, culturais, tecnológicos e comportamentais cujos moradores buscam adaptar seus espaços para novas atividades que vão surgindo, causando impactos nas formas de morar ao longo do tempo.

Com base nesse raciocínio, a pandemia do COVID 19 deve ter gerado inúmeros impactos no espaço doméstico quando de forma rápida, as atividades da vida cotidiana passam a se realizar dentro da casa e não mais a partir da casa. A varanda deve ter assumido um grande papel para se moldar às novas formas de uso durante um isolamento social devido ao fato de ela estar localizada entre um exterior desejado - contaminado e inseguro-, com o interior - considerado limpo e seguro- porém confinado. Diante disso, julga-se necessário entender a função da varanda e suas formas tradicionais de uso no próximo subcapítulo, e posteriormente no capítulo 2, os impactos causados no espaço doméstico durante a COVID 19.

1.2 A função da varanda no espaço doméstico

Ao longo da história das habitações no Brasil, a varanda se destaca como um dispositivo arquitetônico com potencial para aprimorar o desempenho de edificações em regiões tropicais úmidas. Presente em diversos exemplares de diferentes estilos arquitetônicos consolidados no país, esse espaço coberto, seja projetado ou embutido na fachada, representa uma linguagem distintiva da arquitetura doméstica brasileira. A varanda está intrinsecamente ligada à cultura material, refletindo os hábitos tradicionais de moradia. Ao longo do tempo, a varanda se firmou como uma expressão do modo de vida do brasileiro, passando por notáveis modificações físicas para adaptar-se a diversos terrenos, necessidades e arranjos sociais, como destacado por Brandão e Martins (2007).

É importante salientar que, conforme explica Santos (2021), as varandas de apartamentos e os terraços de casas compartilham semelhanças como espaços ao ar

livre ligados à residência, mas apresentam distinções importantes. As varandas de prédios residenciais estão no mesmo nível do apartamento, enquanto os terraços de casas estão no térreo ou em andares superiores. Varandas são geralmente menores e usadas para relaxar, enquanto terraços por conta da sua área, sempre maior, podem abrigar diversas atividades. Enquanto as varandas de apartamentos podem ser vistas como uma evolução dos terraços de casas, elas também refletem as necessidades do ambiente urbano contemporâneo, adaptando-se às mudanças sociais e urbanas ao longo do tempo.

No contexto residencial brasileiro, Kowaltowski et al. (2003) destacam o papel da varanda como elemento de proteção e contato com a natureza, além de sua relevância climática especialmente em regiões de clima temperado, além de emergir como o principal filtro do ambiente externo, selecionando elementos que interessam à privacidade da família patriarcal.

Pode-se afirmar, portanto, que a varanda funciona como um filtro tridimensional para a habitabilidade das edificações, proteção contra radiações solares intensas em climas quentes, destacando sua importância no condicionamento térmico e eficiência energética das construções. Segundo Maragno e Coch (2011), uma de suas funções destacadas é fornecer sombra, considerada por muitos autores como a proteção mais adequada contra as intensas radiações solares em climas quentes.

Lemos (1996) acrescenta que a varanda, originalmente utilizada como um recurso adaptativo ao ambiente, evoluiu ao longo do tempo, adquirindo diversos usos e funções. Além de servir como elemento de proteção climática, a varanda nas primeiras casas rurais no período colonial desempenhava papéis multifacetados, atuando como espaço de descanso, convívio, posto de vigília e filtro entre a esfera pública e privada. Tornando-se um local agradável, sombreado e ventilado, a varanda se transforma em ponto de encontro da família, palco de brincadeiras infantis, interação com os escravos e acolhimento de visitantes.

Desse modo, pode-se concluir que a função da varanda era o espaço de hospitalidade e vigilância nas moradias brasileiras, servindo como um ponto de transição entre o público e o privado, especialmente evidenciada em sua conexão com capelas, permitindo a observação de cultos religiosos por não membros da família. Segundo Lemos (1996), surge da necessidade de hospedar viajantes, sendo a varanda o local preferencial, mesmo quando havia um quarto de hóspede. Esta função de hospedagem está relacionada à vigilância, pois a varanda se torna um posto de

vigília para resguardar a casa e a família. Isoladas umas das outras, as moradias exigiam um espaço para observar os viajantes que se aproximavam. Assim, a varanda desempenha o papel de filtro, sendo um ponto de transição entre o público e o privado. Essa função é evidenciada em construções onde a capela se conectava à casa por meio da varanda, permitindo a observação de cultos religiosos por aqueles que não eram membros da família.

Um espaço gerador de sombras onde impede a radiação solar direta nas fachadas das habitações, especialmente em regiões de clima temperado, e onde a altura dos frechais é ajustada para captar os raios solares no inverno, conforme ilustra a Figura 11. Pode-se constatar também que as varandas em apartamentos do século XX desempenham as mesmas funções daquelas existentes em residências unifamiliares.

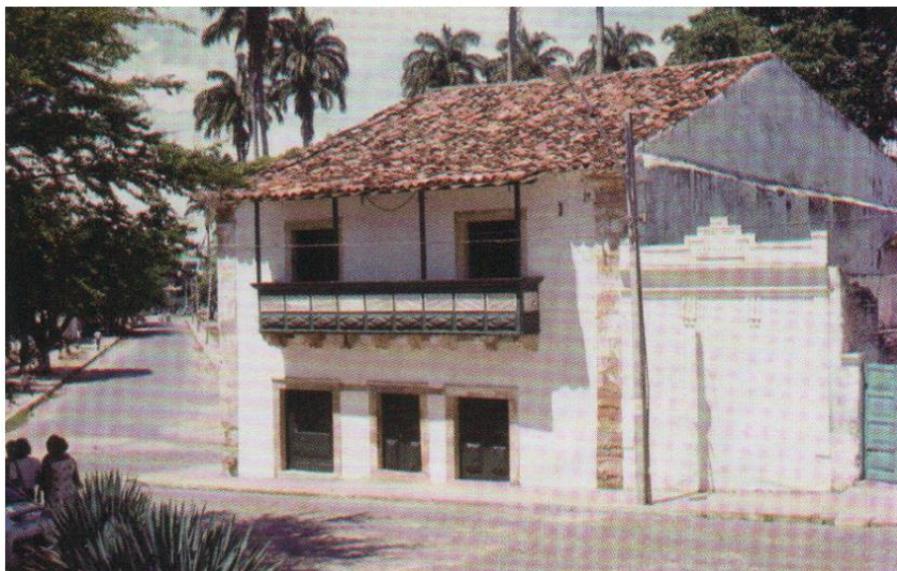
Figura 11 - Casa da fazenda Colubandê, São Gonçalo (RJ)



Fonte: GOMES, 2006, p.110.

Segundo Kowaltowski et al. (2003), ao longo do período colonial, a varanda era uma presença constante no campo e, nas cidades, surgia nos fundos para atividades de serviço. No entanto, para os transeuntes, era visível apenas como um elemento estreito no andar superior, muitas vezes na forma de muxarabis, utilizado para observar a rua. Durante o período do café, por volta de 1930, e com a independência, ocorreu um processo de urbanização que expandiu as relações sociais, transformando o antigo corredor patriarcal em uma varanda que se tornou um espaço misto de convívio e circulação, conforme ilustra a Figura 12.

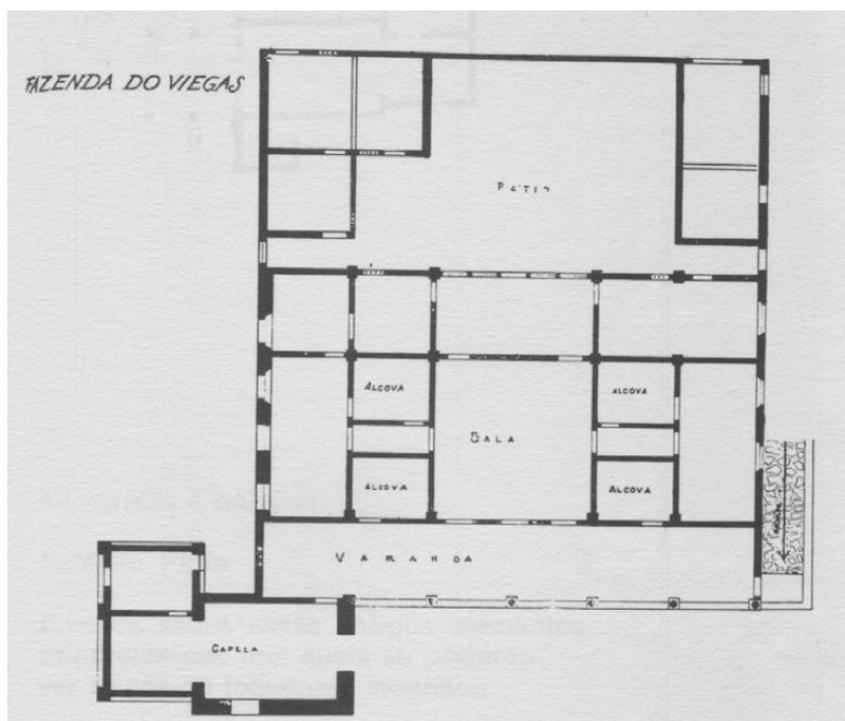
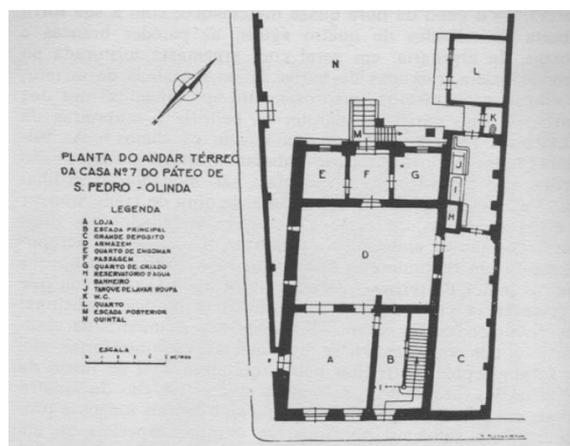
Figura 12- Casa do Pátio São Pedro, Olinda - PE.



Fonte: Gomes (2006).

Observa-se que um fato interessante sobre a casa analisada é que alguns elementos mais recentes foram acrescentados a arquitetura original da residência. Pode-se dizer, portanto, que a transformação da varanda ao longo do século XIX e início do século XX, passa por uma fase em que é um elemento de influência eclética e art-nouveau para um espaço adaptado ao clima tropical brasileiro. As Figuras 13, 14 e 15 ilustram uma edificação rural, construída no século XX.

Figuras 13, 14 e 15 - Fazenda do Viegas, construída no século XX.



Fonte: Cardoso (1975)

Na virada do século XIX, segundo Kowaltowski et al. (1995), a fusão do ecletismo e da art-nouveau transformou o alpendre ou corredor alpendrado em varanda de gosto historicista, ou seja, com ornamentos referenciando estilos históricos, por vezes inadequados ao clima brasileiro. A presença da varanda foi consagrada, mesmo com influências estrangeiras.

Durante os anos 30, as varandas se tornaram mais utilizadas, adotando diversas formas. Nas décadas seguintes, a arquitetura moderna brasileira incorporou varandas com funções tropicais, mas, nos anos 60, o ar-condicionado levou à redução das varandas, talvez consideradas desnecessárias, pois a refrigeração mecânica parecia controlar os efeitos do clima tropical.

Mas no final da década de 70, de acordo com Kowaltowski et al. (1995), observa-se uma evolução das varandas quando foram associadas à ecologia tomando a função de aproximar o homem da natureza, “com grandes jardins, elevando a qualidade de vida, mas ao mesmo tempo também encarecendo o custo das habitações. Não há mais o sentido de vigília, controle, espaço de transição e sim um mero complemento do setor social”.

Nos anos 90, as varandas representam status, porém ocorre uma redução em sua utilização devido a mudanças nos hábitos domésticos, principalmente por conta dos eletrodomésticos. Kowaltowski et al. (1995) afirmam que “A vida acontece em torno da televisão e do computador que são instalados no interior das casas”. A varanda é esquecida e muitas vezes se busca a presença de áreas cobertas em ocupações espontâneas, muitas vezes não planejadas como varandas.

A compreensão intuitiva de design da varanda, por parte dos arquitetos Maragno e Coch (2011) acreditam que pode ser atribuída à escassez de estudos sobre sua eficácia no condicionamento térmico e na eficiência energética e a engenhosa combinação de seus elementos físicos pode ser alcançada por meio de diversas estratégias de projeto, resultando em espaços e formas sujeitos tanto à apreciação estética quanto às implicações no desempenho ambiental da edificação. Além de suas repercussões em outros aspectos, a varanda protege o envoltório da edificação e oferece um espaço sombreado que diminui a exposição à radiação solar.

No entanto, para Brandão e Martins (2007), até meados do século XX, a varanda continuou a desempenhar um papel crucial na arquitetura residencial brasileira. Nos edifícios de apartamentos, porém, ela deixou de ser o filtro de acesso devido à verticalização, mantendo outras funções que se renovam. Dependendo de sua configuração formal, a varanda pode servir como adaptação climática, espaço de convívio, descanso e contemplação, e, na maioria dos casos, como zona de transição entre o público e o privado. Nos prédios residenciais da primeira metade do século XX, a varanda pode se manifestar como um balcão embutido na fachada, uma

varanda em balanço, um espaço aberto ou fechado, mas sua persistência destaca sua importância como elemento da tradição sociocultural.

As varandas sempre foram parte integrante do design de edifícios em São Paulo, evidenciando-se em exemplares de todas as décadas do século XX. Sob diferentes denominações, como "terraço", as varandas foram aplicadas em várias circunstâncias e apresentaram uma variedade de formatos, incluindo semicirculares, alongadas, quadradas e lineares, com diferentes tamanhos. Independentemente das características específicas, a varanda inevitavelmente propõe uma relação distinta com o exterior, geralmente sendo ambientes cobertos ligados a pelo menos um dos cômodos internos da habitação, isolados por uma parede envidraçada e abertos para o exterior, com bloqueios visuais limitados a dispositivos de segurança, como balaústres e parapeitos.

Para Anitelli e Tramontano (2011), a presença constante de varandas sugere sua função como um espaço para apreciação da paisagem, enfatizando a importância da implantação do edifício no lote. Em muitos casos, as varandas apresentam mobiliário, como cadeiras, mesas de refeições, poltronas e bancadas para preparo de alimentos, indicando uma possível permanência prolongada dos moradores nesse espaço. A integração entre varanda, sala de estar e cozinha é observada em alguns casos, criando um ambiente unificado. Apesar de varandas com tamanhos equivalentes aos das salas, a área não necessariamente é extensa.

Outra modificação importante, é a adaptação das varandas se tornando o principal ambiente para refeições. Para Fernandes e Scarim (2020) a varanda se destaca como um diferencial significativo - o principal espaço gastronômico do espaço doméstico- agora reinventado como varanda gourmet, tornando-se o epicentro para encontros familiares e sociais. Este ambiente é promovido como o novo ponto de encontro para lazer, onde se desfruta não apenas da comida, mas também de bebidas especiais, como vinhos e cervejas artesanais. Essa reconfiguração é impulsionada pela indústria imobiliária, que a associa ao hedonismo culinário, elevando-a à categoria de espaço dedicado à alimentação.

A varanda gourmet surge como um espaço de convivência na arquitetura contemporânea, introduzindo duas cozinhas distintas e integrando-se à área social da casa, rompendo com a disposição tradicional da cozinha. Complementarmente, Mira e Oliveira (2023) destacam que a varanda gourmet surge como um novo espaço de convivência, destacando-se como um elemento agregador na arquitetura residencial

contemporânea, especialmente a partir dos anos 2000. Este conceito introduz duas cozinhas distintas: uma destinada às atividades diárias de preparo de alimentos e outra voltada para encontros sociais e momentos de lazer. Uma característica marcante é a sua localização central e integrada à área social da casa, rompendo com a tradicional disposição da cozinha no final da moradia.

Diante do exposto, conclui-se que a varanda além de ser um objeto de desejo que evoca relações ancestrais, ela tem desempenhado várias funções essenciais profundamente enraizada em tradições, sempre presente no espaço doméstico inclusive assumindo um papel fundamental no período de isolamento social provocado pela pandemia da COVID 19, tema a ser abordado no próximo capítulo.

2 COVID-19 E O ISOLAMENTO SOCIAL

Neste capítulo abordam-se dois tópicos importantes que ilustram a intersecção entre a história contemporânea e o espaço doméstico. Em primeiro lugar, faz-se uma breve contextualização sobre o surgimento do COVID-19 e sobre o estresse das pessoas resultante do isolamento social. Em segundo lugar, as adaptações do espaço doméstico durante esse período histórico. Ao explorar esses temas, busca-se compreender como o contexto atual molda e transforma nossas relações com o espaço doméstico dentro de uma perspectiva histórica mais ampla.

2.1 COVID 19 e o impacto nas pessoas

As pandemias são eventos históricos, tendo características próprias e modificando o mundo à medida que acontecem. De acordo com Hinrichsen (2020), uma pandemia ocorre quando uma doença infecciosa se dissemina descontroladamente, atingindo vários países e assumindo proporções globais. Doenças pandêmicas são caracterizadas por alta transmissibilidade, contágio rápido e históricos, como o H1N1 (gripe suína) em 2009 e a cólera com oito episódios até 1961. O quadro 1 ilustra as grandes epidemias urbanas que ocorreram na humanidade até então.

Quadro 1 – Grandes epidemias urbanas

Epidemia	Período	Vítimas fatais
Peste de Justiano	Séc.VI (541)	25 a 50 milhões
Peste negra	Séc. XIV (1343)	75 a 200 milhões
Peste russa	Séc. XIX (1889)	1,5 milhão
Gripe Espanhola	Séc. XX (1918)	50 a 100 milhões
Gripe asiática	Séc. XX (1957)	2 milhões
Gripe de Hong Kong	Séc. XX (1968)	3 milhões
Gripe Aviária	Séc. XXI (2004)	300 (Para frear a contaminação, foram mortos 1,5 milhões de aves)
Gripe H1N1 (Suína)	Séc. XXI (2009)	284 mil
COVID 19	Séc. XXI (2020)	Mais de 15 milhões

Fonte: Adaptado de Helene et al. (2020) e OMS (2023)

A COVID-19, causada pelo SARS-CoV-2, pertencente à família dos Coronavírus, induz uma Síndrome Respiratória Aguda Grave. Originado em Wuhan, China, em dezembro de 2019, o vírus tem semelhanças com um anterior de 2002, onde a disseminação rápida é facilitada pela mobilidade humana, sendo transmitido por via aérea, gotículas e contato com objetos contaminados. Desse modo, foram propostas como medidas preventivas a lavagem frequente das mãos, o distanciamento social e a higiene pessoal para evitar o contágio.

Dessa forma, o ano de 2020 redefiniu o espaço doméstico como refúgio essencial, marcado pelo isolamento social e medidas para conter a pandemia de COVID-19. Conforme afirma Ghisleni (2021), o ano de 2020 ficou marcado pela ordem expressa de "fique em casa", redefinindo o significado desse espaço como um refúgio essencial e protetor. O isolamento social, embora não seja uma novidade cultural, adquiriu novas dimensões, buscando proteger não apenas os mais frágeis, como idosos e doentes, mas também a população saudável, adotando formas tanto vertical quanto horizontal. Em crises sanitárias, como a pandemia de COVID-19, medidas como fechamento de escolas, restrições a atividades não essenciais e proibição de aglomerações foram implementadas para conter a transmissão do vírus, impactando não apenas a saúde, mas também áreas sociais como o acesso à saúde, educação e economia (ARAUJO, 2020).

Ainda segundo Araújo (2020), a ideia de isolamento social remonta a 1918, durante a gripe espanhola, uma época em que ainda não se compreendia completamente a relação entre microrganismos e doenças, e os antibióticos só foram desenvolvidos 15 anos depois. Diante da letalidade do vírus, alta transmissibilidade e ausência de cura, o isolamento foi adotado como resposta.

Em paralelo, o isolamento social também trouxe à luz questões relacionadas à saúde mental. A adaptação ao novo modo de vida, a convivência intensificada, a falta de interação social presencial e a sobrecarga de responsabilidades podem ter efeitos psicológicos significativos. Assim, além das adaptações físicas no ambiente doméstico, foi necessário um cuidado especial com o aspecto emocional, buscando estratégias para promover o equilíbrio mental e o bem-estar durante o isolamento social prolongado.

A pandemia, ao sobrecarregar os sistemas de saúde e promover o distanciamento social como estratégia de contenção, provocou mudanças significativas na rotina das pessoas, que passaram a utilizar tecnologias de

informação e comunicação para atividades remotas. Segundo Cénat et al. (2021), a pandemia sobrecarregou rapidamente os sistemas de saúde em diversos países afetados, levando a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020) para o distanciamento social como uma das principais estratégias de contenção do vírus. Essa medida provocou uma significativa mudança na rotina das pessoas, que passaram a trabalhar, estudar e se relacionar à distância, utilizando Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Ainda segundo Cénat et al. (2021), além dos impactos do distanciamento social, a população enfrentou o elevado risco de infecção, perda de entes queridos, diminuição da renda e desemprego, gerando sentimentos de tristeza, ansiedade, medo, preocupação, frustração e estresse.

A pandemia pode causar efeitos na saúde mental, como distúrbios do sono, estresse, ansiedade, depressão e Transtorno de Estresse Pós-Traumático, TEPT, são notáveis durante e após a pandemia, segundo Schmidt et al. (2020). Para Schmidt et al. (2020), os efeitos na saúde mental, tanto imediatos quanto de longo prazo, são notáveis, refletindo em alterações do sono, aumento dos níveis de estresse, ansiedade, depressão e uma maior incidência de TEPT durante e após o período pandêmico. Os impactos negativos na saúde mental da população podem persistir além da própria pandemia de COVID-19, com consequências mais duradouras.

Além disso, conforme afirma Brooks et al. (2020), as medidas de distanciamento social implementadas durante a pandemia também podem contribuir para agravar problemas mentais, incluindo confusão mental, tédio, solidão e raiva, além dos sintomas de TEPT – Transtorno de Estresse Pós-Traumático.

Entende-se que a pandemia de COVID-19 se configura como um fato histórico de magnitude global, que deixará marcas duradouras nas esferas social, cultural e comportamental. As implicações sociais foram vastas, evidenciando desigualdades existentes e exacerbando disparidades socioeconômicas. As medidas de isolamento social e distanciamento físico redefiniram as interações humanas, levando ao aumento do trabalho remoto, educação à distância e limitações nas atividades sociais, conforme explica Villa et al. (2021).

Ainda segundo Villa et al. (2021), essas mudanças tiveram um impacto significativo na cultura, com o cancelamento de eventos culturais, fechamento de espaços públicos e transformações na forma como as pessoas consomem entretenimento e arte. Além disso, o COVID-19 influenciou comportamentos

individuais e coletivos, provocando adaptações em hábitos de higiene, consumo e lazer. A pandemia não apenas alterou as dinâmicas sociais e culturais, mas também instigou reflexões profundas sobre resiliência, solidariedade e a interconexão global em face de desafios inesperados.

Neste contexto, as mudanças nos hábitos diários, tanto internos quanto externos aos espaços de moradia, incluindo estudo, trabalho e deslocamentos para atividades essenciais, representam uma alteração singular nos comportamentos sociais. A pandemia transformou radicalmente o cotidiano, questionando a noção de "normalidade". A OMS (2017), pelo CID 10, destaca que o estresse pode impactar diversos aspectos do sujeito, como seu ambiente social, sistema de suporte e valores. Apesar de depender da presença de fatores estressantes, a predisposição e vulnerabilidade individuais desempenham um papel crucial no desenvolvimento do transtorno de adaptação.

O estresse dificulta a capacidade de adaptação ao ambiente, influenciando a forma como o indivíduo lida com situações estressantes. No contexto do isolamento durante a pandemia de COVID-19, a probabilidade de intensificação do estresse é significativa, pois une preocupações relacionadas ao trabalho, cuidados domésticos, desafios psicológicos do isolamento e o estresse global causado pelo SARS-CoV-2, gerando incertezas adicionais. Esta pandemia global se tornou um marco histórico, redefinindo nossas interações sociais e deixando um legado que poderá influenciar profundamente a maneira como percebemos e utilizamos nossos espaços domésticos.

Diante do exposto, o estresse nas pessoas provocado pelo isolamento social deve tê-las motivado a transformar seus espaços domésticos que passaram a desempenhar papéis multifuncionais para acomodar atividades como trabalho remoto, estudo virtual, lazer e exercícios físicos. Conforme afirma Costa (2023), o isolamento social imposto pela pandemia teve profundos impactos nas dinâmicas diárias e na percepção do ambiente doméstico. O confinamento prolongado gerou uma transformação significativa nos espaços residenciais, indo além de simples locais de repouso e convívio familiar. Trata-se das adaptações ocorridas no espaço doméstico, tema do próximo subcapítulo.

2.2 COVID 19 e o impacto no espaço doméstico

Durante a pandemia, habitações inicialmente projetadas para atividades de reprodução e cuidado tiveram que se adaptar, quando possível, para incluir também o trabalho produtivo. Nesse contexto, a qualidade do espaço doméstico tornou-se crucial, abrangendo aspectos como a superfície útil, distribuição espacial interna e elementos de conexão com o entorno. O confinamento revelou usos inesperados dos espaços internos das residências, muitas vezes não planejados para tamanha versatilidade. Entretanto, é importante observar que nem todas as moradias possibilitam essa adaptação. O momento destaca a necessidade de reorganizar o espaço habitável, priorizando a integração entre diferentes áreas da vida, para facilitar a interação entre trabalho e cuidado, e proporcionar flexibilidade diante de possíveis futuras pandemias ou confinamentos.

Para atender a várias demandas simultâneas, houve mudanças nos espaços domésticos, impactando as relações familiares e a percepção de bem-estar. Para Costa (2023), a necessidade de conciliar diferentes demandas, muitas vezes simultâneas, resultou em uma reorganização dos espaços internos. Home offices foram improvisados, quartos se tornaram salas de aula virtuais e áreas comuns passaram a servir para uma variedade de atividades. Essa adaptação não apenas ressignificou a função de cada ambiente, mas também impactou a dinâmica das relações familiares e a percepção individual de bem-estar.

Além disso, durante a pandemia, a ênfase na qualidade dos espaços internos da moradia aumentou, com investimentos em melhorias e remodelações para criar ambientes acolhedores e funcionais que equilibrassem as demandas profissionais e pessoais. Para Campos e Delgado (2023), a demanda por um ambiente doméstico mais acolhedor e funcional trouxe à tona a importância do design de interiores e da ergonomia. A busca por conforto, praticidade e estética se intensificou, levando muitas pessoas a investirem em melhorias e remodelações em suas residências. A atenção para a iluminação, ventilação, disposição de móveis e a escolha de cores tornaram-se aspectos relevantes na criação de um ambiente que favorecesse o equilíbrio entre as demandas profissionais e pessoais.

O isolamento social evidenciou problemas ambientais nos espaços residenciais, causando conflitos devido ao uso contínuo. Para Villarouco e Sarmiento

(2020), durante a pandemia de COVID-19, o isolamento social destacou as inadequações e problemas ambientais nos espaços residenciais, tornando visíveis questões que antes talvez passassem despercebidas. Casas, que deveriam ser refúgios, se transformaram em locais de conflito devido ao uso contínuo por membros da família com diferentes necessidades e idades, resultando em privação de liberdade de circulação. As disparidades socioeconômicas se evidenciaram, mostrando que habitações espaçosas facilitaram o isolamento, enquanto espaços reduzidos em famílias vulneráveis agravaram problemas, incluindo psicológicos.

Além disso, a pandemia destacou a importância do conforto ambiental em casa e levantou questionamentos sobre a necessidade de revisão das normas de construção civil. Para Cabús et al. (2020), a prolongada permanência em casa, acompanhada pela diversificação das atividades realizadas nos espaços internos, evidenciou impactos objetivos e subjetivos das condições ambientais sobre os indivíduos, destacando a crucial importância do conforto ambiental em suas diversas dimensões. Para os autores, no contexto da pandemia, o debate sobre o futuro da construção civil destaca a importância das normativas, com ênfase na NBR 15575 (ABNT, 2013), conhecida como "norma de desempenho". A possível revisão das normas na esteira da pandemia levanta questionamentos sobre a relação entre desempenho e conforto ambiental, sugerindo a necessidade de ampliar os critérios "clássicos".

Houve a reorganização e adaptação do ambiente doméstico durante a pandemia, em resposta ao aumento do home office, do ensino à distância e à sobre ocupação das moradias, tornando os espaços residenciais multifuncionais. Pereira e Matos (2020) complementam esse pensamento ao discutir que durante a pandemia, o ambiente doméstico sofreu significativas reorganizações e adaptações em resposta a três principais fatores: o aumento do home office, o ensino à distância e sobre a ocupação das moradias. Além disso, o teletrabalho e o ensino remoto, predominantes durante esse período, desencadearam mudanças notáveis na ocupação e no uso dos espaços residenciais, resultando em uma percepção diferenciada desses ambientes, que se tornaram multifuncionais.

Para Villa et al. (2021), outro aspecto relevante a ser discutido, é que os indivíduos também apresentaram insatisfações quanto à adaptação dos móveis, a dificuldade em criar espaços de estudo e trabalho, e a inadequação dos ambientes para as novas atividades adquiridas durante a pandemia.

Durante a pandemia, os espaços residenciais passaram por adaptações significativas, incluindo a transformação de áreas tradicionais como quartos e salas para atender às novas demandas, como o trabalho remoto, resultando em uma valorização da cozinha e uma mudança nas funções dos cômodos. Desse modo, conforme afirma Matoso (2021), a demanda por espaços mais adaptáveis levou a diversas intervenções, desde a transformação de quartos e áreas de lazer em escritórios improvisados até ampliações residenciais. Sendo assim, as funções tradicionais dos cômodos, como a sala, sofreram mudanças significativas, ganhando novos propósitos como home offices e áreas de lazer, enquanto o quarto, por sua vez, tornou-se um refúgio para desconpressão e privacidade, com inserção de móveis mais ergonômicos para estudo e trabalho e a cozinha também recebeu destaque, transformando-se em um espaço mais utilizado e valorizado durante a pandemia.

A pandemia ressaltou a importância do ambiente doméstico para a qualidade de vida, promovendo o interesse em elementos de design biofílico e espaços ao ar livre, visando a saúde física e mental dos moradores. Por fim, ainda segundo Matoso (2021), a pandemia destacou a importância do ambiente doméstico para a qualidade de vida, evidenciando a necessidade de considerar a saúde física, emocional e mental dos moradores. A busca por bem-estar dentro de casa levou ao interesse renovado em elementos de design biofílico, incorporando espaços verdes e elementos naturais para promover um ambiente mais acolhedor, o que também provocou uma valorização de pequenos espaços ao ar livre, como jardins e varandas, como elementos essenciais na rotina doméstica.

A adaptação contínua das residências reflete a necessidade de repensar a relação das pessoas com seus lares diante das mudanças sociais e de estilo de vida. Desse modo, para Overstreet (2021), as transformações no espaço residencial não foram apenas provisórias, mas indicam uma busca permanente por ambientes mais flexíveis e adaptáveis que atendam às diversas demandas dos moradores em meio a cenários de transformação social. O design de interiores e as soluções habitacionais devem continuar evoluindo para proporcionar ambientes que promovam o bem-estar em todas as suas dimensões.

Villa et al. (2021) analisam as adaptações das pessoas às demandas impostas pela pandemia de COVID-19 em suas moradias, destacando a importância da resiliência no ambiente construído diante dos desafios enfrentados. A sobreposição de atividades e pessoas nas residências durante o isolamento social gerou tensões e

evidenciou problemas já existentes, como a necessidade de espaços multifuncionais, infraestrutura adequada e flexibilidade espacial.

Além disso, destaca-se que a pandemia também trouxe à tona questões ambientais, como o aumento do consumo local e a valorização de áreas verdes, apontando para uma nova consciência ambiental emergente. Desse modo, entende-se que houve mudanças significativas no mercado imobiliário, com a demanda por espaços internos mais amplos e qualificados, bem como por áreas externas ou verdes, podendo impactar o planejamento urbano e a construção civil.

Desde a busca por ambientes mais funcionais até a incorporação de espaços dedicados ao trabalho remoto e ensino online, essas mudanças refletem a necessidade de ajustar nossos lares para atender às novas demandas e realidades impostas por este fato histórico.

Vale destacar que tais mudanças e demandas fazem surgir a pergunta norteadora da presente pesquisa: “o que muda no uso do espaço doméstico e varanda após COVID 19 que pode servir de parâmetro para definição de programas de necessidades de apartamentos residenciais?”. Para melhor respondê-la e atender o objetivo geral, os resultados da parte empírica são apresentados no capítulo seguinte.

3 NOVAS FORMAS DE USO EM APARTAMENTO EM RECIFE ANTES E APÓS COVID -19

Este capítulo tem como objetivo apresentar o resultado da coleta e análise dos dados da presente pesquisa com a intenção de analisar as novas formas de uso no espaço doméstico de apartamentos na cidade do Recife durante e após COVID 19 e mensurar o quanto tais atividades alteram o programa de necessidades dos usuários e a função da varanda. Para tanto, nessa parte empírica foi aplicado um estudo de caso em um apartamento e um questionário on-line.

No estudo de caso, analisa-se como as características de um apartamento com varanda e área de 57m² podem interferir na qualidade de vida de três moradores - pai, mãe e filho - quando o espaço doméstico não se adequa às novas atividades e hábitos de seus usuários diante da chegada abrupta do isolamento social provocado pelo COVID 19 como também avaliam-se as adaptações ocorridas na varanda quando as novas formas de uso continuam fazendo parte do cotidiano das pessoas após a pandemia.

O método se baseia na observação participante sistematizada, usada para identificar e registrar o uso do espaço doméstico, questionar sobre como foi o período durante o isolamento social da pandemia da COVID-19 e analisar a dinâmica pós-pandemia. Para isso, combinam-se registros gráficos com entrevistas para desenvolver quadros, destacando as práticas diárias dos moradores, que nesta pesquisa terão suas identidades preservadas e o tempo necessário para realizá-las.

Em relação ao questionário online, houve a adesão de 47 voluntários. O questionário foi montado via google forms o qual permite receber as respostas em forma de gráficos para uma análise posterior. Teve como objetivo compreender o uso do espaço doméstico, a flexibilidade da varanda e as mudanças realizadas durante e após a pandemia, abordando questões sobre formas de uso do espaço doméstico em apartamentos, com ou sem varanda, para atividades tais como, exercício físico, home office, aulas online, atividades terapêuticas, entre outras. As novas formas de uso foram avaliadas apenas em sala, varanda, quartos e cozinha por considerá-los ambientes mais adequados à multiplicidade de atividades.

Dessa forma, a partir de observações em estudo de campo, de informações e relatos dos usuários, conseguiu-se refletir sobre as atividades e dinâmicas de uso em

cada cômodo, mensurar como as mudanças nos usos dos ambientes internos afetam os usuários e como estes, por sua vez, alteram os ambientes.

3.1 Novas formas de uso do apartamento, um estudo de caso

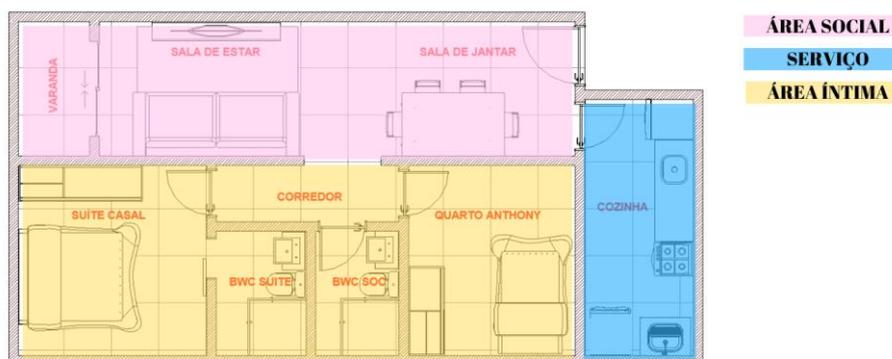
O apartamento estudado nesta etapa de pesquisa está situado no terceiro andar de um edifício residencial multifamiliar na cidade de Recife, PE. Com uma área privativa de 57m², possui uma única entrada conectada ao corredor do prédio. Sua planta é dividida em três setores: o setor social, que engloba a sala de estar e jantar integradas (21,40 m²); o setor de serviços, que inclui a cozinha e a área de serviço; e o setor íntimo, que abrange os quartos e banheiros do imóvel. É habitado por três pessoas, que serão identificados nessa pesquisa por: Janaina (30 anos), Arthur (36 anos), Anthony (09 anos), filho do casal.

Antes da pandemia, o apartamento atendia às necessidades da família, com algumas atividades ocorrendo fora de casa. No entanto, com o advento da pandemia e a implementação do isolamento social, as adaptações nos espaços se tornaram necessárias, pois as atividades passaram a acontecer em casa em diferentes horários do dia.

O ensino remoto e o trabalho em casa se tornaram prioridades, levando os ambientes a assumirem novas funções. Essa mudança de uso dos espaços durante a pandemia alterou significativamente a dinâmica de vida no apartamento, resultando em um aumento do estresse ambiental para seus moradores.

O estudo de caso foi conduzido ao longo de cinco dias, iniciando em 29 de janeiro de 2024 (segunda-feira) e encerrando em 02/02/2024 (sexta-feira). Durante esse período, foram delineados os perfis dos usuários e estabelecidos os intervalos de tempo para as observações e elaboração dos mapas comportamentais em três períodos distintos: manhã (das 07h às 13h), tarde (das 13h às 18h) e noite (das 18h às 23h). A Figura 16 ilustra a setorização do apartamento analisado, dividindo-o em área social, área de serviço, área íntima e corredor.

Figura 16 – planta de setorização do apartamento



Fonte: Autora (2024)

Conforme se observa, a varanda, que é o objeto de estudo dessa pesquisa, mostra-se como o único espaço de integração do apartamento com o meio externo, sendo também a fonte de circulação de ar, servindo também como ambiente social.

Para realizar uma análise comparativa das transformações no modo de habitar no apartamento, especificamente no uso da varanda durante e após a pandemia, essa pesquisa adotou a criação de estudos de padrões de interação que analisam o uso do espaço durante e após a pandemia.

O objetivo principal do estudo é identificar as mudanças nas interações e atividades dos moradores com a implementação do isolamento social e as modificações ocorridas com a volta ao “novo normal”. É importante ressaltar que a elaboração do estudo de interação do período durante a pandemia foi baseada em relatos, observações e registros fotográficos dos próprios moradores do apartamento.

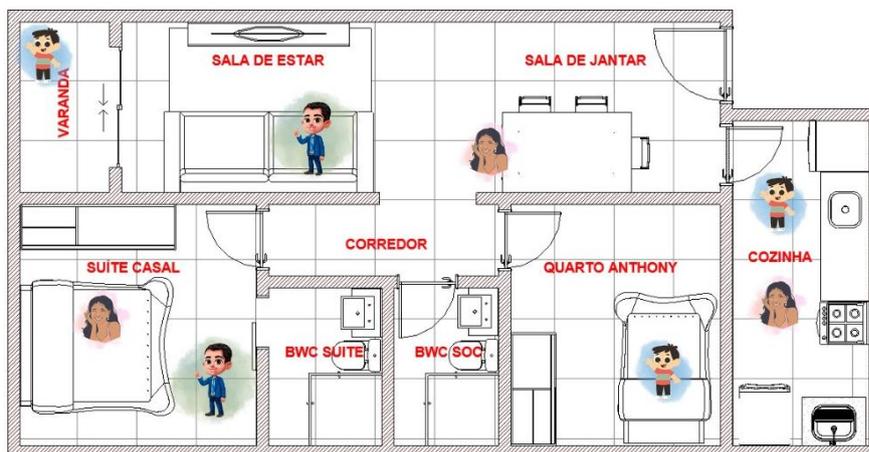
3.1.1 Uso do apartamento durante o período na manhã

Durante a manhã, no período de pandemia, as atividades que eram realizadas externamente passaram a ser realizadas dentro do apartamento. Por esse motivo, os ambientes passaram por transformações para que se adaptassem às necessidades que surgiram.

Quanto a varanda, que antes mal era utilizada durante a semana, passou a ser o espaço escolhido por Anthony (Filho, 07 anos à época), para realizar suas atividades escolares, visto que o isolamento social trouxe à tona o ensino remoto. Essa escolha foi determinada em virtude da ventilação que o espaço proporciona, além disso, a

família notou que o uso do quarto para as atividades deixava a criança mais estressada e ansiosa, em virtude do sentimento de enclausuramento. O uso dos espaços durante a pandemia está ilustrado na Figura 17.

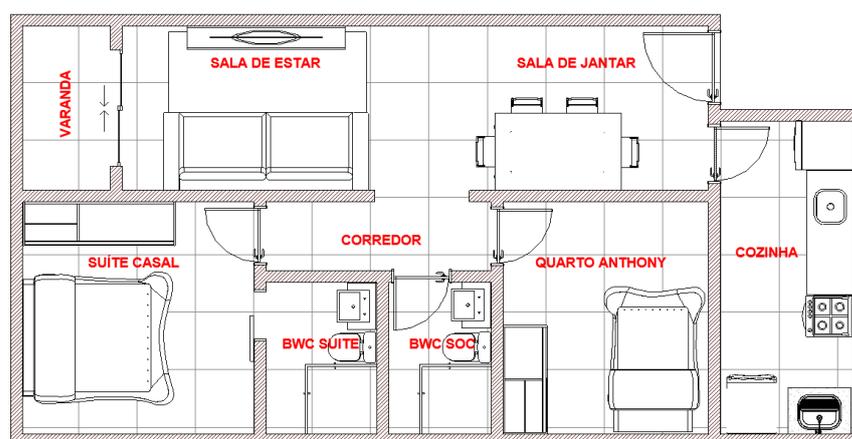
Figura 17 – Mapa do uso dos espaços durante a pandemia, no período da manhã.



Fonte: Autora (2024)

No período pós-pandemia, no entanto, esse espaço voltou a não ser mais utilizado no período da manhã, visto que a família sai antes das 07h para realizar suas atividades externas, como trabalho e escola, incluindo as refeições fora de casa (café da manhã e almoço). O uso do espaço está ilustrado na Figura 18.

Figura 18 - Mapa do uso dos espaços no período pós-pandemia, no período da manhã.



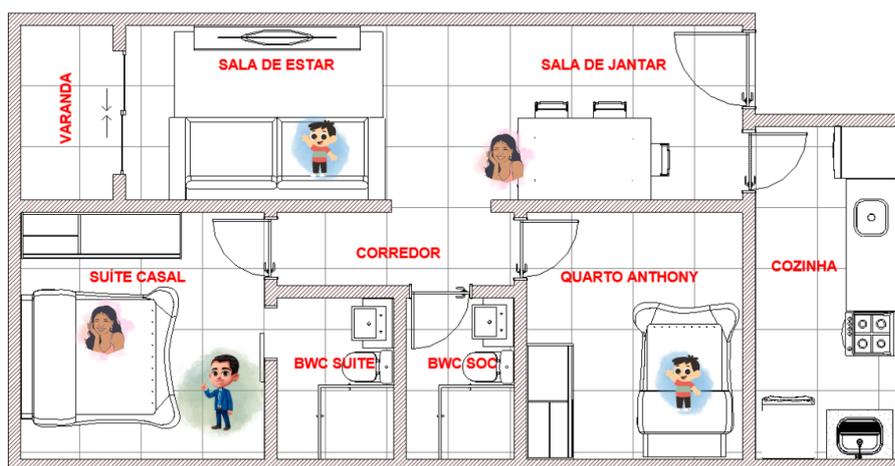
Fonte: Autora (2024)

Evidencia-se que agora o espaço passa a ser inabitado durante o período da manhã, visto que os moradores voltaram a desenvolver suas atividades externamente, observando-se a inexistência do uso desses ambientes.

3.1.2 Uso do apartamento durante o período da tarde

Antes da pandemia, durante a tarde, as salas e quartos eram os principais locais de atividade na residência. Anthony, o filho, costumava utilizar tanto a sala quanto seu quarto nesse período, enquanto sua mãe trabalhava em casa na suíte, controlando principalmente os ruídos através do isolamento do ambiente. Com o advento da pandemia, houve uma reconfiguração do espaço, com a inclusão da presença do pai em casa, levando a mãe a se realocar para a sala de jantar. A figura 19 ilustra os mapas comportamentais do uso dos ambientes da casa durante e após a pandemia, no período da tarde.

Figura 19 – Uso dos ambientes durante a pandemia, no período da tarde.



Fonte: Autora (2024)

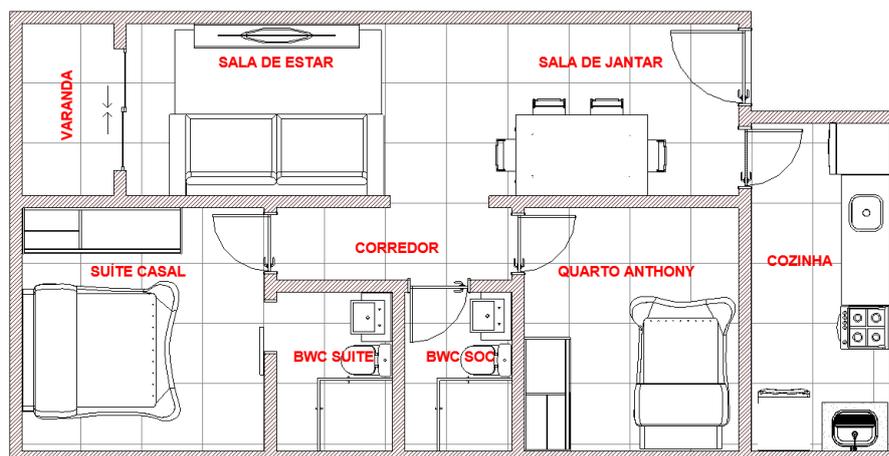
Entrevistas, observações e análises comparativas dos padrões de comportamento indicam que o intervalo 02 do dia é quando a falta de controle do espaço, incluindo o barulho da televisão e outras atividades, aumentava significativamente os níveis de estresse dos moradores,

A capacidade de controlar a privacidade do espaço tem um impacto direto nos níveis de estresse na relação entre os usuários e o ambiente. Simples ações, como fechar portas e regular circulação, contato, som, luz e temperatura, contribuem para a qualidade de uso dos espaços dentro da residência.

No período pós-pandemia, assim como na manhã, a casa passa a ser inabitada, visto que Anthony agora estuda em período integral e os pais estão

trabalhando. Dessa forma, o mapa comportamental do uso dos ambientes durante a tarde continua sendo similar ao uso da manhã, no período de pós-pandemia, conforme ilustra a Figura 20.

Figura 20 – Uso dos ambientes pós-pandemia, no período da tarde.



Fonte: Autora (2024)

A figura 20 representa que no período pós-pandemia nenhum dos moradores faz uso dos ambientes durante o período da tarde ou manhã, em contradição ao período de pandemia, em que o home-office, localizado em um ambiente isolado (a suíte), era utilizado durante o intervalo 02 (tarde), em meio ao isolamento social, o marido começou a utilizar o ambiente da suíte para suas atividades de trabalho, enquanto a esposa alternava entre a suíte e a sala de jantar.

Nota-se que no período da tarde, a varanda, que é o nosso objeto de estudo, passa a não ser utilizada, mesmo durante o período de isolamento social. Nesse caso, os moradores identificaram que um dos principais motivos para esse afastamento do ambiente durante esse horário, estava ligado ao recebimento da luz solar e o calor, sendo preferíveis ambientes que eram climatizados (quartos) ou a sala com o uso do ventilador.

3.1.3 Uso do apartamento no período da noite

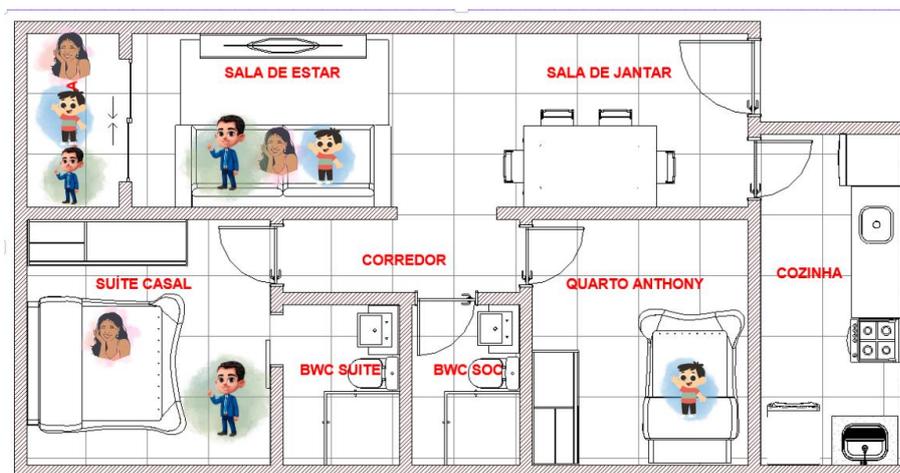
Durante a pandemia, o apartamento passou por significativas alterações, principalmente relacionadas ao home office. Com as práticas laborais e educacionais

ocorrendo em casa, houve um aumento de atividades e uma adaptação no uso dos espaços. Essas mudanças na dinâmica de uso dos ambientes, junto com a falta de espaços adequados e isolados, foram os principais fatores que contribuíram para o aumento dos estressores ambientais identificados no estudo de caso.

Após a pandemia, o apartamento passa a ser frequentado principalmente nas áreas sociais (salas) e de serviço (cozinha), sendo um espaço de convívio e relaxamento intensamente utilizado pelos três moradores. Durante o intervalo 03, à noite, mesmo durante a pandemia, as interações sociais e atividades de lazer persistiram, porém atualmente há uma redução no tempo e na frequência dessas práticas.

Quanto à varanda, ela passa a ser mais utilizada no período da noite, durante a pandemia, principalmente nos finais de semana, onde a família se reunia para assistir a shows em lives e ter momentos de relaxamento. Essa prática fez com que o espaço fosse remodelado, adicionando móveis que antes não existiam, como mesas, cadeiras e um espaço reservado para churrasqueira.

Figura 21 – Padrões de interação do uso dos espaços durante a noite, na pandemia



Fonte: Autora (2024)

Essas atividades de convívio passam então a ser uma dinâmica comum na casa e persistem até os dias atuais, mesmo com o fim do isolamento. Essa prática se intensifica justamente pela ventilação recebida na varanda durante o período da noite, além da integração com o ambiente, como se verifica durante a observação do convívio dos moradores.

Desse modo, entende-se que durante a pandemia, no intervalo 01 (07h às 13h), assim como à tarde (13h às 18h), o apartamento viu um aumento no uso de todos os

setores (social, serviços e íntimo). À noite (18h às 23h), o setor de serviços manteve sua média de uso, o social perdeu uma hora e o íntimo ganhou uma hora.

Durante a pandemia, houve uma diminuição das atividades de lazer e um aumento nas atividades laborais de home office e aulas, levando a uma adaptação dos espaços sociais para escritórios e um aumento do tempo de trabalho nos quartos, intensificando os estressores ambientais.

3.1.4 Uso e adaptações na varanda durante a pandemia

Durante o estudo, foram observadas diversas adaptações realizadas no apartamento durante a pandemia, como uma estratégia para mitigar os desafios e reduzir o estresse ambiental causado pelas novas atividades introduzidas devido ao isolamento social. Serviços de pintura, eletricidade, instalações de iluminação, criação de jardins verticais e hortas, aquisição de equipamentos de informática, mobiliário e a introdução de áreas de transição foram algumas das modificações feitas.

Destaca-se que uma das intervenções mais eficazes para reduzir o estresse ambiental foi a criação de um jardim vertical na varanda. Estudos demonstram que estar em contato com a natureza pode reduzir significativamente o estresse e melhorar o humor. Para os moradores, a varanda tornou-se um refúgio da rotina diária, proporcionando momentos de relaxamento. Além disso, a introdução de áreas verdes na residência não só auxiliou nas práticas culinárias, mas também promoveu novas experiências sensoriais e conexões com espaços externos, como relatado pelos moradores. Essas pequenas áreas verdes (verticalizadas) foram essenciais para aliviar a sensação de enclausuramento da família, após horas de atividades em um mesmo local.

Essas adaptações não são exclusivas desse apartamento, sendo comuns em muitas residências durante a pandemia. A pesquisa mostrou que as maiores fontes de estresse foram o barulho, calor, falta de privacidade e falta de espaço. As adaptações mais comuns realizadas para reduzir o estresse incluíram a incorporação de plantas, adaptação de espaços para home office e aquisição de equipamentos de escritório e mobiliários para lazer.

Dessa forma, conclui-se que com a pesquisa foi possível identificar as mudanças nas interações e atividades dos moradores com a implementação do

isolamento social e as modificações ocorridas com a volta ao "novo normal". Durante a pandemia, a varanda se tornou um espaço crucial para atividades escolares do filho mais novo, proporcionando ventilação e aliviando o estresse causado pelo isolamento.

No entanto, após a pandemia, com o retorno às atividades externas durante o dia, a varanda deixou de ser utilizada no período matutino. Durante a tarde, tanto durante quanto após a pandemia, salas e quartos se destacaram como locais de atividade na residência, com adaptações significativas devido ao home office e ao ensino remoto. Observou-se que a capacidade de controlar a privacidade do espaço impactou diretamente nos níveis de estresse dos moradores. Após a pandemia, o apartamento passou a ser frequentado principalmente nas áreas sociais e de serviço, enquanto a varanda se tornou um ponto focal para atividades de convívio durante a noite, mesmo após o fim do isolamento.

Assim, esta pesquisa revela as mudanças na dinâmica de uso dos espaços durante e após a pandemia, destacando a importância da adaptação dos ambientes residenciais às novas demandas e a persistência de novos padrões de comportamento mesmo com o retorno à normalidade.

Em suma, o estudo realizado proporcionou uma visão abrangente das adaptações realizadas em um apartamento durante a pandemia de COVID-19, destacando estratégias para mitigar os desafios enfrentados e reduzir o estresse ambiental decorrente das novas atividades introduzidas pelo isolamento social. Entre as diversas modificações realizadas, a criação de um jardim vertical na varanda emergiu como uma intervenção particularmente eficaz, proporcionando um refúgio da rotina diária e momentos de relaxamento para os moradores. Essas adaptações não apenas ajudaram a aliviar a sensação de enclausuramento, mas também promoveram novas experiências sensoriais e conexões com espaços externos, contribuindo para melhorar o humor e reduzir o estresse.

Além disso, o estudo revelou que essas adaptações não foram exclusivas deste apartamento, sendo comuns em muitas residências durante a pandemia. As principais fontes de estresse identificadas foram o barulho, calor, falta de privacidade e falta de espaço, sendo que as adaptações mais comuns realizadas para mitigar esses estresses incluíram a introdução de plantas, adaptação de espaços para o home office e aquisição de equipamentos de escritório e mobiliário para lazer.

Em última análise, esse estudo ressalta a importância da adaptação e inovação no ambiente doméstico para enfrentar os desafios impostos pela pandemia, além de

destacar o papel crucial que elementos naturais, como jardins verticais, podem desempenhar na promoção do bem-estar e da qualidade de vida durante momentos de crise.

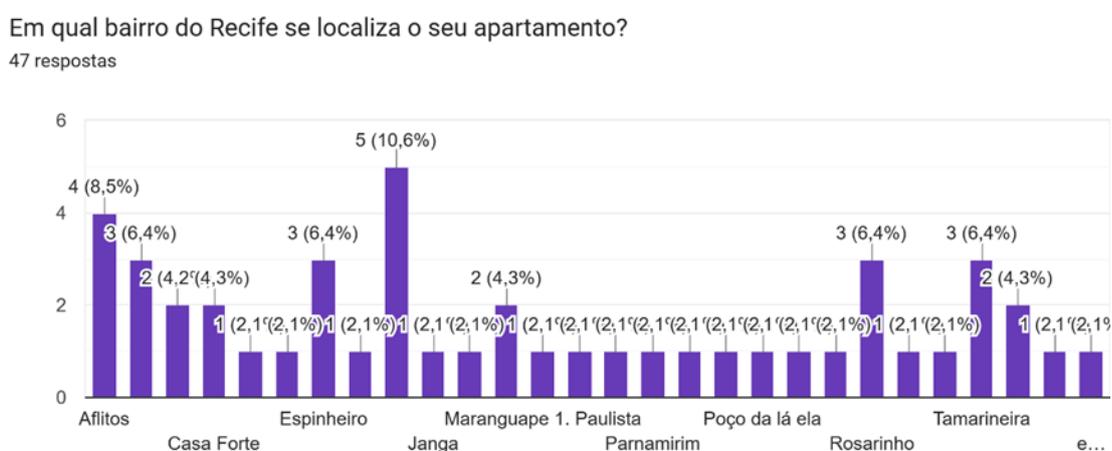
3.2 Novas formas de uso em apartamentos em Recife

A relação entre os habitantes e sua moradia mudou durante a pandemia e isso resultou em um aumento significativo das modificações e reformas dentro das residências. Diante disso, a aplicação do questionário online teve como objetivo compreender como as atividades realizadas nesse espaço evoluíram durante esse período excepcional, bem como os desafios enfrentados e possíveis mudanças futuras na utilização da varanda.

3.2.1 Localização dos apartamentos e perfil dos moradores

Nesta primeira parte do questionário, se buscou saber dados sobre o apartamento e dos moradores tais como a localização e a área do apartamento como também o número de moradores e idade. Quanto à distribuição geográfica, notou-se que a maior parte dos entrevistados residiam em bairros das Graças, Madalena e Espinheiro, que são bairros da Zona Norte do Recife, conforme ilustra a Figura 22.

Figura 22 - Distribuição geográfica dos entrevistados



Fonte: Autora (2024)

Sobre a quantidade de moradores e idade, a maior parte dos respondentes divide apartamento com duas, três ou quatro pessoas, sendo a maioria desses moradores entre 31 e 60 anos. No entanto, nota-se ainda que nas residências que há 2 ou mais moradores, há ao menos duas crianças entre 0 e 15 anos, em idade escolar, conforme ilustra a Figura 23 e 24.

Figura 23 – Resultado da quantidade de moradores e idade

quantas pessoas moram no seu apartamento?

47 respostas

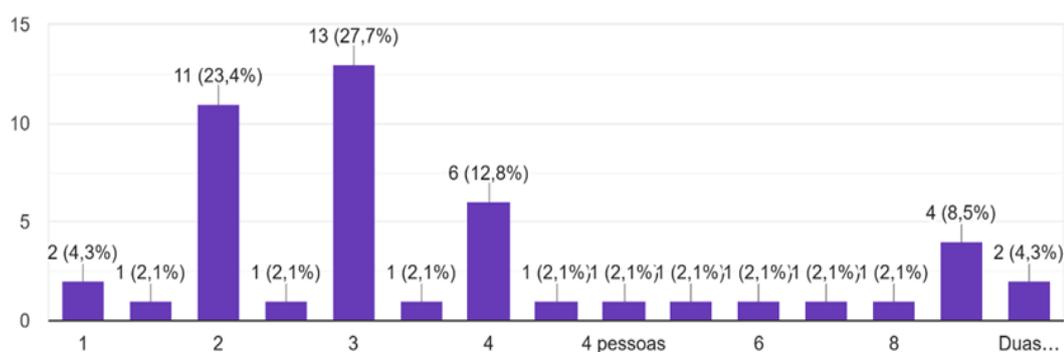
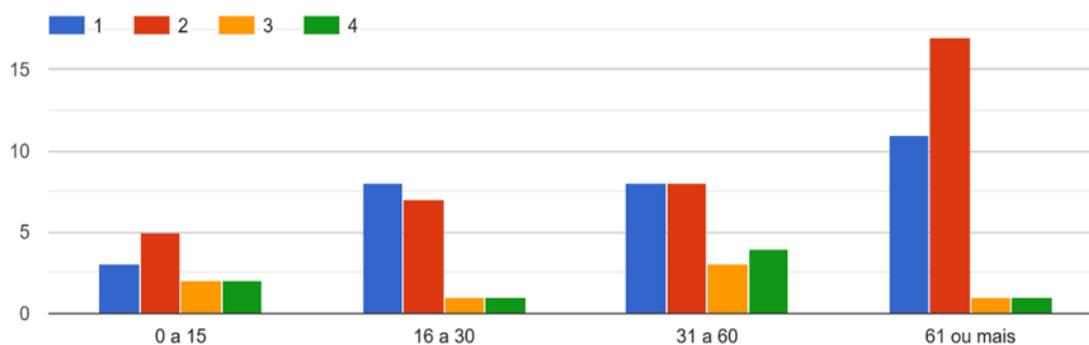


Figura 24 – Resultado da quantidade de moradores e idade

Quais as idades dos moradores?



Fonte: Autora (2024)

Sobre a área e cômodos dos apartamentos, a maioria dos apartamentos têm entre 50m² e 100m², possuindo ao menos 1 sala, 3 quartos, 1 cozinha, 1 varanda, 1 área de serviço, 1 banheiro, 1 quarto de serviço e banheiro de serviço, conforme ilustram a Figura 25 e 26. Nesse sentido, observa-se a presença da varanda no contexto dos entrevistados e a possibilidade de análise da interferência do seu uso na sua rotina durante o período de pandemia.

Figura 25 - área e cômodos dos apartamentos

Quantos metros quadrados tem o seu apartamento?
47 respostas

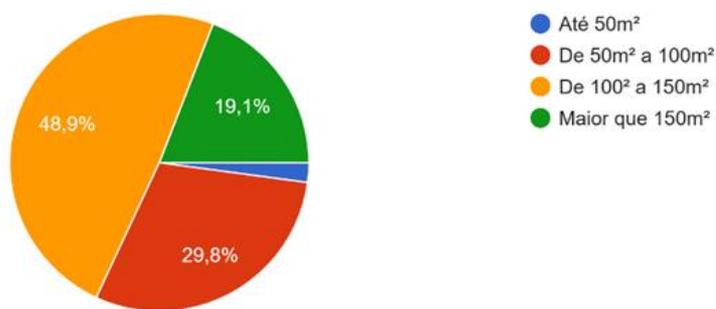
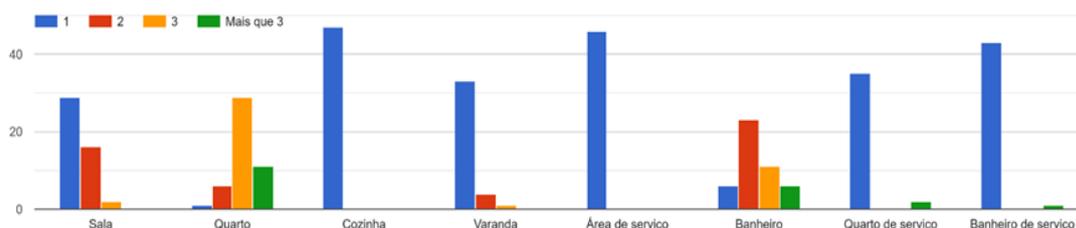


Figura 26 - área e cômodos dos apartamentos

Enumere a quantidade de cômodos do seu apartamento



3.2.2 Atividades realizadas no apartamento antes e depois da COVID-19

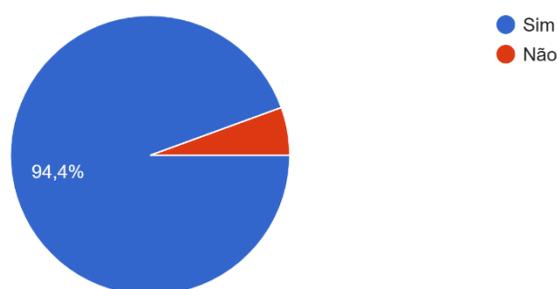
Essa segunda etapa do questionário objetiva saber sobre as atividades. Primeiro, buscou saber aquelas realizadas no apartamento durante a pandemia e observar quais atividades e quais cômodos eram utilizados, notou-se que 94,4% dos entrevistados afirmaram que realizaram atividades em casa que antes não eram feitas

nesse ambiente, enquanto a maior parte das pessoas afirmou que realizou atividades físicas, home-office e ensino online, como as atividades mais realizadas, conforme ilustra a Figura 27 e 28.

Figura 27 – Atividades realizadas em casa durante o COVID

Você realizou, durante a pandemia, em seu apartamento, alguma atividade que não costumava fazer antes da COVID 19?

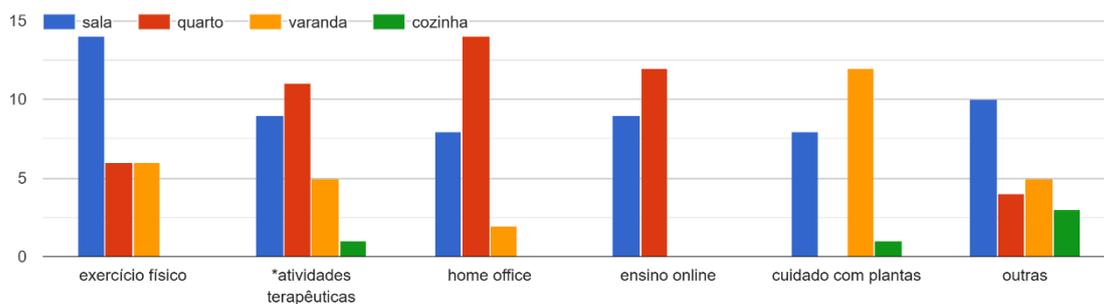
18 respostas



Fonte: Autora (2024)

Figura 28 – Atividades realizadas em casa durante o COVID

Se respondeu sim na questão anterior, quais foram as atividades e em quais cômodos?



Fonte: Autora (2024)

Outro ponto observado durante o questionário foi referente a existência de varandas nos apartamentos e quais atividades eram realizadas nela antes e durante o período de isolamento social, a fim de se entender como os ambientes passaram por transformações devido ao impacto do COVID e do isolamento social. Nesse sentido,

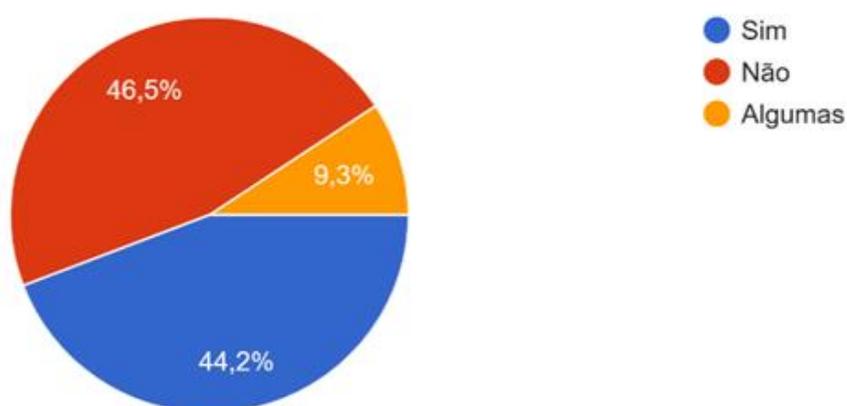
observa-se que atividades como exercícios físicos e home-office tiveram uma crescente quando se refere ao uso da varanda.

Percebe-se que, conforme foi estudado na revisão literária no capítulo 2, o ambiente construído passou por mudanças significativas para se adaptar às necessidades do isolamento social e da crise que se vivia. Com as respostas obtidas pelo questionário, nota-se que a varanda passa a ser um ambiente onde a prática de atividades que antes eram desenvolvidas no trabalho ou na academia, passaram a ser desenvolvidas nesse espaço, que até então não tinha essa função.

Para além da crise da pandemia do COVID-19, fica a questão, se os ambientes continuam sendo utilizados como antes ou durante o período de isolamento? Nesse sentido, foi perguntado se ainda eram realizadas essas novas atividades na varanda e cômodos abordados anteriormente, tendo como resultado que 48,5% das pessoas não realizam mais atividades nesses ambientes como fora feito na pandemia, enquanto 44,2% ainda realizam essas atividades e 9,3% ainda realizam algumas, conforme ilustra a Figura 29.

Figura 29 – Período pós-pandemia e as atividades realizadas na pandemia

Continua fazendo essas novas atividades relatadas na questão acima?
43 respostas

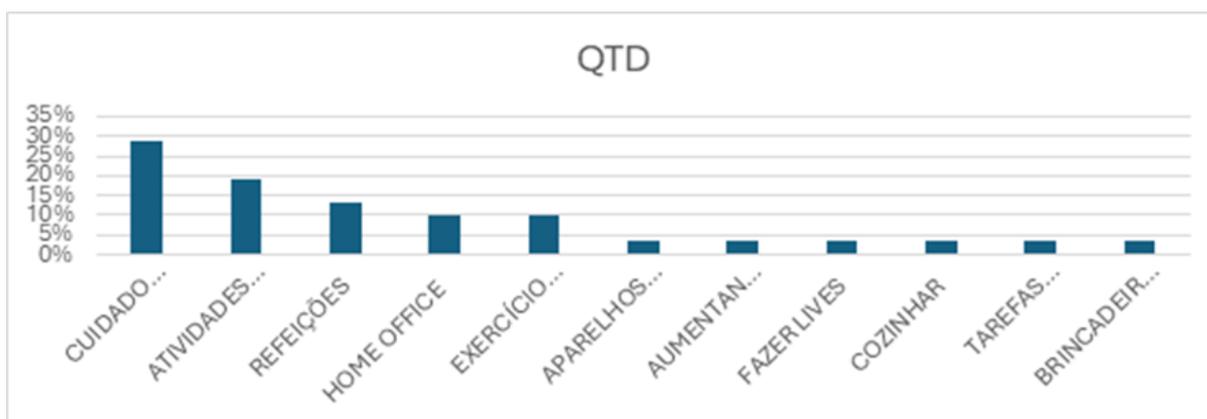


Fonte: Autora (2024)

Dessa forma, entende-se que apesar de serem resultados com percentuais muito próximos, ainda há uma incidência considerável de atividades que não eram realizadas no espaço doméstico antes da pandemia e passaram a ser durante a pandemia e permaneceram como um hábito para essas pessoas, mesmo depois do fim desse período.

Nesse sentido, dentre as principais atividades que permanecem sendo realizadas no ambiente doméstico e que antes da pandemia não eram um hábito para os entrevistados, estão: exercícios físicos, atividades terapêuticas, cuidar de plantas, home office, atividades sociais com amigos etc., conforme ilustra a Figura 30.

Figura 30 – Principais atividades que permaneceram sendo desenvolvidas após a pandemia



Fonte: Autora (2024)

Ademais, como essa pesquisa foca nas novas formas de uso do espaço doméstico e da varanda, a entrevista ainda procurou saber os desafios encontrados por esses usuários para o uso da varanda para a realização das atividades como home office, atividades terapêuticas e exercícios físicos, a fim de se identificar quais fatores viriam a causar desconforto suficiente nos usuários que os impulsionam a fazer reformas nesse ambiente, conforme ilustram as Figuras 31, 32 e 33.

Figura 31 – Dificuldades associadas ao uso da varanda para novas atividades



Figura 32: Dificuldades associadas ao uso da varanda para novas atividades



Figura 33: Dificuldades associadas ao uso da varanda para novas atividades



Nota-se que varanda pequena, mobiliário inadequado e barulho foram os quesitos que mais incomodaram os usuários quanto a realização de home office na varanda, enquanto para as atividades terapêuticas, além do fato das varandas serem pequenas e do barulho, outro quesito que incomodava estava relacionado a calor ou muita insolação nesse ambiente. Já para o exercício físico, os principais desafios encontrados são a varanda pequena, calor ou muita insolação e o mobiliário inadequado.

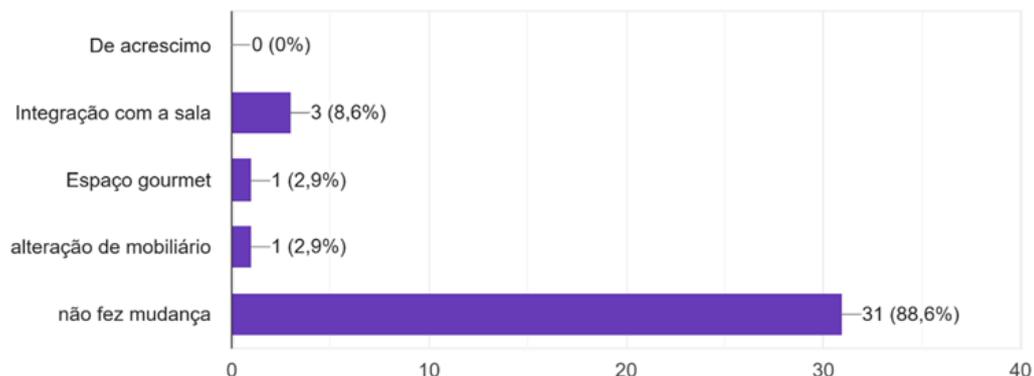
Dessa forma, entende-se que comum a todos os quesitos é principalmente o tamanho das varandas dos apartamentos atuais, principalmente quando o modo de vida dos usuários passou por transformações extremas, onde o convívio no ambiente doméstico teve um aumento considerável. Outro ponto a ser discutido é o calor e insolação desses ambientes, que causa desconforto àqueles que o utilizam, bem como o mobiliário que era comumente utilizado antes da pandemia, não sendo mais interessante para as atividades que passaram a ser desenvolvidas nesses espaços.

Por fim, analisa-se com o questionário se o incômodo causado por essas questões motivou esses usuários a fazerem reformas na varanda, conforme ilustra a Figura 34. Observou-se que apesar da maior parte dos entrevistados não terem feito alterações nesse ambiente, algumas adaptações foram comuns a alguns dos entrevistados, como a integração da varanda com a sala, modificações no mobiliário e adaptação para um espaço gourmet.

Figura 34 – Reformas na varanda

Após a pandemia você fez alguma reforma ou adaptação na varanda:

35 respostas



Fonte: Autora (2024)

3.2.3 Síntese dos dados analisados com o questionário online

A análise dos resultados obtidos pelo questionário permitiu observar os aspectos descritos no Quadro 2, que relaciona os principais resultados aferidos por esta pesquisa.

Quadro 2 – resultados analisados com o questionário online

Localizações dos apartamentos mais frequentes.	Zona Norte do Recife
Média de quantidade de moradores	2 a 4 pessoas
Faixa etária dos entrevistados	16 a 30 anos ou 31 a 60 anos.
Identificação das atividades mais frequentes realizadas na varanda antes e durante a pandemia.	Antes da pandemia, as atividades mais frequentes estavam relacionadas a uso para lazer e recepção de amigos. Durante a pandemia, a varanda passou a incorporar também atividades de estudo, meditação, cuidado com plantas, exercícios físicos e trabalho. Após a pandemia, manteve-se o uso de

	lazer e recepção de amigos, incorporando exercícios físicos, atividades terapêuticas, cuidados com as plantas, ensino online..
--	--

Fonte: Autora (2024)

(Continuação) Quadro 2 - resultados analisados com o questionário online

Avaliação da frequência e tipo de novas atividades realizadas na varanda durante a pandemia.	As atividades que mais frequentemente foram utilizadas foram os exercícios físicos, home office e ensino online.
Análise dos desafios enfrentados ao realizar atividades específicas, como trabalho, meditação, descanso, exercícios físicos e relacionamento, na varanda durante a pandemia.	Os principais desafios encontrados para as atividades estavam relacionados com os mobiliários que existiam nesses ambientes e o tamanho da varanda, além do calor e insolação para realização das atividades durante alguns períodos do dia e ao mobiliário inadequado.
Exploração das possíveis reformas realizadas na varanda após o período da pandemia.	A maioria das reformas foram relacionadas à integração com a sala, também a transformar a varanda em um espaço gourmet e alteração de mobiliário.

Fonte: Autora (2024)

Dessa forma, entende-se alguns aspectos relevantes nesta pesquisa que analisou os padrões de uso da varanda em apartamentos localizados principalmente nas zonas Norte e Oeste do Recife, com uma média de 3 a 5 moradores e entrevistados na faixa etária de 16 a 30 anos ou 31 a 60 anos.

Antes da pandemia, a varanda era predominantemente utilizada para lazer e recepção de amigos, mas durante o período de isolamento social, passou a ser também um espaço para estudo, meditação, cuidado com plantas e exercícios físicos. Após a pandemia, o uso de lazer e recepção de amigos foi mantido, adicionando-se o cuidado com plantas, estudo e exercícios físicos.

Durante a pandemia, as atividades mais frequentes na varanda foram exercícios físicos e cuidado com plantas. Os principais desafios enfrentados para realizar essas atividades estavam relacionados ao mobiliário existente e ao tamanho da varanda, além do calor e da exposição ao sol em determinados períodos do dia.

Após o período da pandemia, a maioria das reformas na varanda teve como objetivo transformá-la em um espaço gourmet, ou integrá-la à sala ou mudar o mobiliário existente.

Além disso, os principais desafios enfrentados pelos usuários ao utilizar a varanda para atividades como home office, terapia e exercícios físicos estão relacionados ao tamanho limitado das varandas, à exposição ao calor e à insolação, além do mobiliário inadequado. Esses problemas foram agravados pelo aumento significativo do tempo passado no ambiente doméstico devido às mudanças no estilo de vida durante a pandemia.

O desconforto causado por essas questões levantou a necessidade de adaptações nas varandas, como evidenciado pelas entrevistas realizadas. Embora a maioria dos entrevistados não tenha realizado reformas significativas, algumas modificações foram comuns, incluindo a integração da varanda com a sala, mudanças no mobiliário e adaptações para criar espaços gourmet.

Esses resultados destacam a importância de considerar o design e a funcionalidade das varandas em ambientes residenciais, especialmente diante de mudanças nas necessidades e comportamentos dos moradores. A busca por soluções que maximizem o uso e o conforto desses espaços pode contribuir significativamente para melhorar a qualidade de vida dos habitantes urbanos, especialmente em períodos de maior tempo passado em casa, como durante pandemias ou períodos de isolamento social.

Com base nos resultados encontrados e na bibliografia analisada, percebe-se que a pesquisa revela uma significativa evolução no uso da varanda durante o período da pandemia, refletindo adaptações significativas nas atividades realizadas nesse espaço. As mudanças observadas indicam uma maior diversificação de usos, indo além do lazer e da recepção de amigos para incluir também atividades como estudo, meditação, cuidado com plantas e exercícios físicos.

No entanto, os desafios enfrentados, como limitações de espaço e condições climáticas desfavoráveis, destacam a importância de considerar esses aspectos ao planejar e reformar varandas em ambientes residenciais. Espera-se que esses insights contribuam para a concepção de espaços mais funcionais e adaptáveis às necessidades dos moradores, promovendo assim uma melhor qualidade de vida em residências urbanas.

Além das transformações físicas e funcionais da varanda, é relevante destacar o impacto dessas adaptações no dia a dia e na qualidade de vida dos moradores. A varanda, antes vista principalmente como um espaço de lazer e socialização, tornou-se um refúgio multifuncional que atende às necessidades de relaxamento, estudo e cuidado pessoal.

Essa mudança nos padrões de uso não apenas reflete a capacidade de adaptação das pessoas a novas circunstâncias, mas também ressalta a importância de espaços versáteis e adaptáveis em residências urbanas. Ao considerar esses aspectos, não apenas melhoramos a funcionalidade dos ambientes residenciais, mas também contribuímos para o bem-estar e a satisfação dos moradores em seu ambiente doméstico.

Além disso, as adaptações significativas no uso da varanda durante a pandemia podem servir como um indicador das mudanças nas preferências e necessidades dos moradores urbanos. À medida que mais pessoas valorizam espaços ao ar livre e multifuncionais em suas residências, é possível que arquitetos e urbanistas considerem esses insights ao projetar novos empreendimentos e reformar espaços existentes.

Dessa forma, as experiências vivenciadas durante a pandemia podem catalisar uma transformação mais ampla na concepção de ambientes residenciais, promovendo uma maior integração entre espaços internos e externos e incentivando estilos de vida mais saudáveis e conectados com a natureza.

Além dos aspectos mencionados, seria interessante destacar a importância de soluções criativas e multifuncionais para otimizar o uso das varandas, mesmo em espaços limitados, incluindo o uso de mobiliário dobrável ou modular, soluções de sombreamento e ventilação, e a integração de elementos de paisagismo para tornar o ambiente mais agradável e acolhedor.

Também seria relevante abordar a questão da sustentabilidade no contexto das reformas na varanda, incentivando o uso de materiais eco-friendly e práticas de design que minimizem o impacto ambiental.

Por fim, seria interessante explorar como as mudanças nas varandas refletem tendências mais amplas de transformação dos espaços domésticos em resposta a novas demandas e estilos de vida, e como isso pode influenciar o futuro do design de interiores e urbanismo residencial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises realizadas neste trabalho e de toda a pesquisa bibliográfica feita, pode-se constatar que grande parte dos problemas enfrentados durante o uso do espaço doméstico e da varanda foram devido ao mal dimensionamento dos espaços, da escolha inadequada do mobiliário, da falta de preocupação com o projeto de acústica e estudo de ventilação e iluminação naturais ou inexistência deles, tornando os ambientes desconfortáveis.

Como forma de minimizar esses problemas, e tornar os projetos arquitetônicos a serem desenvolvidos, mais adequados, busca-se identificar parâmetros projetuais, como sugestões desde a sua concepção tais como:

1. Espaços Multifuncionais: Projetar espaços que possam ser adaptados para diversos usos ao longo do tempo. Isso pode ser alcançado através de móveis modulares, divisórias móveis e layouts flexíveis.
2. Otimização do Layout: Reavaliar o layout dos espaços para aproveitar ao máximo a área disponível, sempre pensando na ergonomia dos ambientes. Isso pode envolver a reorganização de paredes, móveis e divisórias para criar uma sensação de amplitude e funcionalidade, adequação dos mobiliários às atividades que serão realizadas em cada cômodo.
3. Iluminação Natural: Priorizar a entrada de luz natural nos espaços para criar uma sensação de amplitude e bem-estar. Isso pode envolver a instalação de janelas maiores, claraboias e aberturas estratégicas para maximizar a iluminação natural. Lembrando da importância de estudos prévios buscando atingir a iluminação adequada para cada ambiente ao longo do dia.
4. Alturas Variáveis dos forros ou lajes: Incorporar alturas variáveis de teto para criar uma sensação de dinamismo e amplitude nos espaços. Trazendo a importância de não deixar ambientes com pé direitos baixos e, quando possível, utilizar de pé direito duplo.
5. Espaços de Armazenamento Integrados: Integrar soluções de armazenamento inteligentes nos espaços, como prateleiras embutidas, armários sob medida e móveis com função de armazenamento, para maximizar o espaço disponível e manter os

ambientes organizados, o que facilita bastante no caso de residências com espaços reduzidos.

6. **Acessibilidade Universal:** Projetar espaços que sejam acessíveis a todas as pessoas, independentemente de suas habilidades físicas, garantindo que os ambientes sejam confortáveis e funcionais para todos os usuários, respeitando as normas de acessibilidade.

Ao implementar esses parâmetros arquitetônicos, é possível criar espaços mais flexíveis, funcionais e agradáveis para o uso do espaço doméstico, atendendo às necessidades e ao estilo de vida dos usuários e tornando os ambientes adaptáveis a possíveis mudanças.

Com o início da pandemia do Sars-CoV-2 e a implementação do isolamento social, a rotina das pessoas sofreu transformações significativas, afetando não apenas o indivíduo, mas também a relação de cada um com os espaços que habitam. A frequência de uso das residências durante esse período destacou a importância de ambientes saudáveis e confortáveis, conforme discutido na Psicologia Ambiental. As principais modificações ocorreram nas moradias dos brasileiros, não apenas em termos de reformas e decoração, mas especialmente na incorporação de novos usos, como o home-office.

Nesse sentido, entende-se que a pandemia provocou mudanças significativas na relação entre as pessoas e suas residências, levando muitos a buscar intervenções e reformas para adaptar seus lares às novas necessidades impostas pelo confinamento. Diante das constantes mudanças comportamentais, surge a necessidade de repensar a forma como projetamos e construímos nossos espaços residenciais. A tipologia construtiva brasileira atual, com suas divisórias fixas e instalações embutidas, dificulta a adaptação dos ambientes às mudanças de uso.

Dessa maneira, este estudo revela que a falta de ambientes na habitação que ofereçam ergonomia adequada, controle do espaço e privacidade está relacionada ao aumento do estresse ambiental dos usuários. Em resposta a essas tensões, observam-se adaptações nas residências, buscando melhorar a experiência doméstica, facilitar a realização de atividades externas dentro de casa e promover o bem-estar físico e mental das pessoas. Essas adaptações refletem a evolução dos

ambientes durante os períodos de crise sanitária, evidenciando a importância de proporcionar espaços adaptáveis e confortáveis para enfrentar desafios imprevistos.

Desse modo, a flexibilidade projetual emerge como uma solução, tanto para novas construções, que devem contemplar usos diversos no futuro, quanto para a introdução de soluções construtivas que permitam adaptações internas nos ambientes. Isso não apenas proporciona edificações mais duráveis e sustentáveis, mas também reflete uma abordagem empática na concepção dos espaços, considerando as necessidades em constante evolução dos moradores.

Com base nos resultados obtidos e na revisão da literatura, fica evidente uma significativa mudança no uso das varandas durante o período da pandemia, indicando adaptações notáveis nas atividades realizadas nesses espaços. As transformações observadas apontam para uma ampla diversificação de usos, que vão além do lazer e da socialização, englobando atividades como estudo, meditação, cuidado com plantas, trabalho e exercícios físicos.

Entretanto, os desafios enfrentados, como restrições de espaço, mobiliário inadequado e condições climáticas desfavoráveis, ressaltam a importância de considerar tais aspectos ao planejar e reformar varandas em ambientes residenciais.

Espera-se que esses insights contribuam para a criação de espaços mais versáteis e adaptáveis às necessidades dos moradores, resultando em uma melhor qualidade de vida nas residências urbanas. Essas considerações evidenciam a importância de espaços adaptáveis e confortáveis para enfrentar desafios imprevistos, como os provocados pela pandemia. Espera-se que esses insights contribuam para o planejamento e a construção de ambientes residenciais mais funcionais e adaptáveis, promovendo uma melhor qualidade de vida para os moradores urbanos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Alexandre et al. O MESMO ESPAÇO, OUTROS USOS: UM OLHAR SOBRE A MORADIA NA PANDEMIA DA SARS COV 2. **ENCONTRO LATINO AMERICANO E EUROPEU SOBRE EDIFICAÇÕES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS**, p. 846-860, 2021.

ANITELLI, Felipe; TRAMONTANO, Marcelo. Notas sobre o projeto de apartamentos paulistanos produzidos atualmente: propostas de uso e alterações dos ambientes e seus limites. **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO**, v. 2, 2011.

ARAUJO, Luana. COVID-19 e o Isolamento social: nada será como antes. Portal COVID-19 BRASIL, 3 de junho de 2020. Disponível em: <<https://ciis.fmrp.usp.br/covid19/covid-19-e-o-isolamento-social-nada-sera-como-antes/>>.

BRANDAO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. Varandas nas moradias brasileiras: do período de colonização a meados do século XX. **Revista tempo de conquista**, v. 1, p. 1, 2007.

CABÚS, Ricardo C.; RORIZ, Victor F.; BATISTA, Juliana O. A importância do conforto ambiental em tempos de pandemia. **O papel da arquitetura e urbanismo diante do covid-19: construindo conhecimento**. Cap, v. 7, p. 91-98.

CAMPOS, Laura de Fátima Fonseca; DELGADO, Denyse Pereira Neves. DESAFIOS DO DESIGN DE INTERIORES FRENTE AOS EFEITOS DA PANDEMIA. **ILO**, v. 3, n. 1, 2023.

Cavalcanti, S., & Elali, G. (Orgs.). (2011). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes

COSTA FILHO, Lourival Lopes. **Discussão sobre a definição dimensional em apartamentos: contribuição à ergonomia do ambiente construído**. 2005. 150p. Dissertação (mestrado em Design) - Programa de Pós-Graduação em Design. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005

COSTA FILHO, L., & VILLACORTA, J. Novas formas de uso do espaço doméstico. **VII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído / VIII Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral**. Maio. 2018.

COSTA, Pedro Cláudio Vaz da. **A casa em Portugal: análise do uso da habitação em tempos de pandemia**. 2023. Tese de Doutorado.

FERNANDES, Erick Alessandro Schunig; SCARIM, Paulo César. A transformação da cozinha dentro dos apartamentos na cidade de Vitória, Espírito Santo: a ascensão do gourmet na virada do século. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 46, 2020.

GHISLENI, Camilla. Retorno às origens: interiores que exploram fogo, água, terra e ar. ArchDailyBrasil, 28 de março de 2021. Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/959118/retorno-as-origens-interiores-que-exploram-fogo-agua-terra-e-ar>>.

GRIZ, Cristiana Maria Sobral. Quando o luxo é necessário: sobre projetos de apartamento no Recife. 2012. 371f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

HINRICHSEN, Sylvia. Pandemia: o que é, porque acontecem e o que fazer. Tua Saúde, 15 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/pandemia>>.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K., PINA, S. A. M. G., RUSCHEL, R. C. "Relatório Científico: Elementos Sociais e Culturais da Casa Popular, Campinas-SP". (a), Faculdade de Engenharia Civil, UNICAMP, Campinas, SP, Agosto 1995.

KOWALTOWSKI, Doris; SKUBS, Danielle; WATRIN, Vanessa. O papel da varanda no conforto de moradias autoconstruídas. **ENCAC-COTED, Curitiba, PR**, 2003.

LEMOS, Carlos A. C.. A Casa Brasileira. São Paulo: Contexto, 1996.

MARAGNO, Gogliardo Vieira; COCH, Helena. O Desenho da varanda e sua repercussão ambiental na arquitetura das casas brasileiras. **XI ENCAC/VII ELACAC**, 2011.

MIRA, Maria Celeste; DE OLIVEIRA, Beatriz Salgado Cardoso. COZINHA NA SALA: PROGRAMAS DE CASA E DECORAÇÃO NA TV E ESTILOS DE VIDA DAS CLASSES MÉDIAS PAULISTANAS. 2023.

NOVAES, Elizabete David. Entre o público e o privado: o papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história* Between public and private: the role of women in social movements and the conquest of rights in the course of History. **História e Cultura**, v. 4, n. 3, p. 50-66, 2015.

ONU- Habitat. (2020). Plano de resposta à COVID-19: por um futuro urbano melhor.

Organização Mundial de Saúde. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde: CID-10. 10. ed. São Paulo: Edusp; 2017:1200.

PONTUAL, Julice Almendra Freitas Mendes de Carvalho. **Formas de morar no Brasil: entre os 50 e os 70**. 2009. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

REIS FILHO, Nestor Goulart dos. Quadro da arquitetura no Brasil. 8. ed. São Paulo: **Perspectiva**, 1997.

SANTOS, Suellen Dayse Versiani. **A casa brasileira do século XIX e seus desdobramentos na produção residencial de Belo Horizonte: influência dos antecedentes coloniais e o papel do neoclassicismo e do ecletismo**. 2011. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. 238f. 2011.

SANTOS, Dayse Vital Bezerra. **Habitação livre: proposta de edifício de apartamentos com layout adaptável em Recife-PE.** 2021. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

VILLA, Simone.; SARAMAGO, Rita de Cássia. A qualidade Espacial e Ambiental de edifícios de apartamentos em cidades médias. In: III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo- Arquitetura, Cidade e Projeto: uma construção coletiva, Anais... São Paulo, 2014.

VILLA, S. B.; CARNEIRO, G. P.; MORAES, R. A.; CARVALHO, N. L. M. Reflexões sobre o impacto da pandemia de COVID-19. **Gestão & Tecnologia de Projetos.** São Carlos, v14, n4, 2021. <https://doi.org/10.11606/gtp.v14i4.176851>

VILLAROUCO, Vilma; SARMENTO, Thaisa Sampaio. Ergonomia e arquitetura: conceitos, aplicações e cenários futuros. **O papel da arquitetura e urbanismo diante do covid-19: construindo conhecimento.** Cap, v. 7, p. 82-90.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO EM PLATAFORMA GOOGLE

18/04/2024, 22:34

Questionário sobre o uso do espaço doméstico e a flexibilidade da varanda.

Questionário sobre o uso do espaço doméstico e a flexibilidade da varanda.

Olá! Eu sou Maria Eduarda, aluna de graduação no curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Damas, e estou atualmente trabalhando no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Meu projeto de pesquisa trata-se de avaliar as novas formas de uso do espaço doméstico antes, durante e depois da COVID 19.

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Nome *

2. Em qual bairro do Recife se localiza o seu apartamento? *

3. quantas pessoas moram no seu apartamento? *

4. Quais as idades dos moradores?

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	4
0 a 15	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16 a 30	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
31 a 60	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
61 ou mais	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18/04/2024, 22:34

Questionário sobre o uso do espaço doméstico e a flexibilidade da varanda.

5. Quantos metros quadrados tem o seu apartamento? *

Marcar apenas uma oval.

- Até 50m²
- De 50m² a 100m²
- De 100² a 150m²
- Maior que 150m²

6. Enumere a quantidade de cômodos do seu apartamento

Marcar apenas uma oval por linha.

	1	2	3	Mais que 3
Sala	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quarto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Cozinha	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Varanda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Área de serviço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Banheiro	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quarto de serviço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Banheiro de serviço	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

18/04/2024, 22:34

Questionário sobre o uso do espaço doméstico e a flexibilidade da varanda.

7. Você realizou, durante a pandemia, em seu apartamento, alguma atividade que não costumava fazer antes da COVID 19? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

8. Se respondeu sim na questão anterior, quais foram as atividades e em quais cômodos? *

*Atividades terapêuticas: lazer, ioga, meditação...

Marque todas que se aplicam.

	sala	quarto	varanda	cozinha
exercício físico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
*atividades terapêuticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
home office	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
ensino online	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
cuidado com plantas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
outras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. Seu apartamento tem varanda? caso tenha varanda, responda as perguntas seguintes. *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

18/04/2024, 22:34

Questionário sobre o uso do espaço doméstico e a flexibilidade da varanda.

10. quais foram as atividades realizadas na varanda antes da pandemia? *

Marque todas que se aplicam.

- home office
- atividades terapêuticas
- Cuidado com plantas
- Exercício físico
- Ensino online
- Outro: _____

11. quais foram as novas atividades realizadas na varanda durante a pandemia? *

Marque todas que se aplicam.

- home office
- atividades terapêuticas
- Cuidado com plantas
- Exercício físico
- Ensino online
- Outro: _____

12. Continua fazendo essas novas atividades relatadas na questão acima? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não
- Algumas

13. Se a resposta acima foi a opção "sim" ou "Algumas", cite quais

18/04/2024, 22:34

Questionário sobre o uso do espaço doméstico e a flexibilidade da varanda.

14. Se durante a pandemia você realizou atividade de trabalho na varanda, quais foram os desafios? *

Marque todas que se aplicam.

- Varanda pequena
- Calor ou muita insolação
- Mobiliário inadequado
- Barulho
- Outro: _____

15. Se durante a pandemia você realizou atividade terapêuticas na varanda, quais foram os desafios? *

Marque todas que se aplicam.

- Varanda pequena
- Calor ou muita insolação
- Mobiliário inadequado
- Barulho
- Outro: _____

16. Se durante a pandemia você realizou atividade de exercício físico na varanda, quais foram os desafios? *

Marque todas que se aplicam.

- Varanda pequena
- Calor ou muita insolação
- Mobiliário inadequado
- Barulho
- Outro: _____

18/04/2024, 22:34

Questionário sobre o uso do espaço doméstico e a flexibilidade da varanda.

17. Após a pandemia você fez alguma reforma ou adaptação na varanda:

Marque todas que se aplicam.

- De acréscimo
- Integração com a sala
- Espaço gourmet
- alteração de mobiliário
- não fez mudança

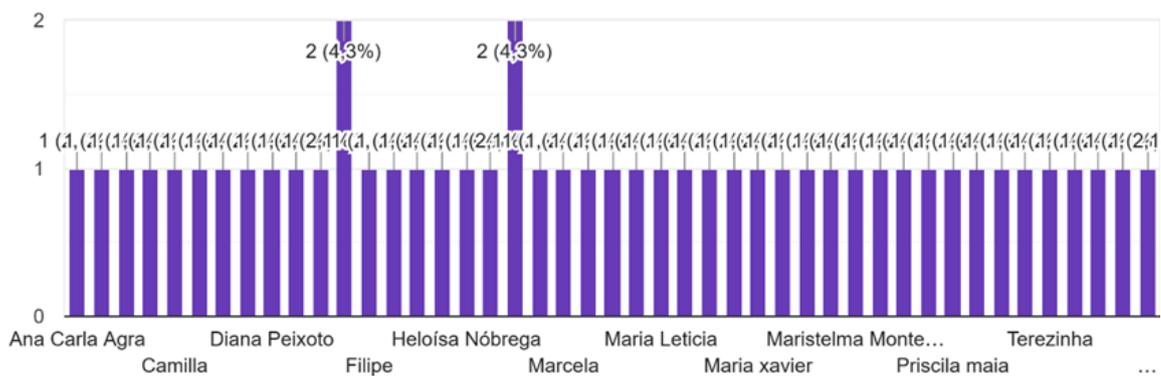
Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

APENDICE B - GRÁFICOS DAS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

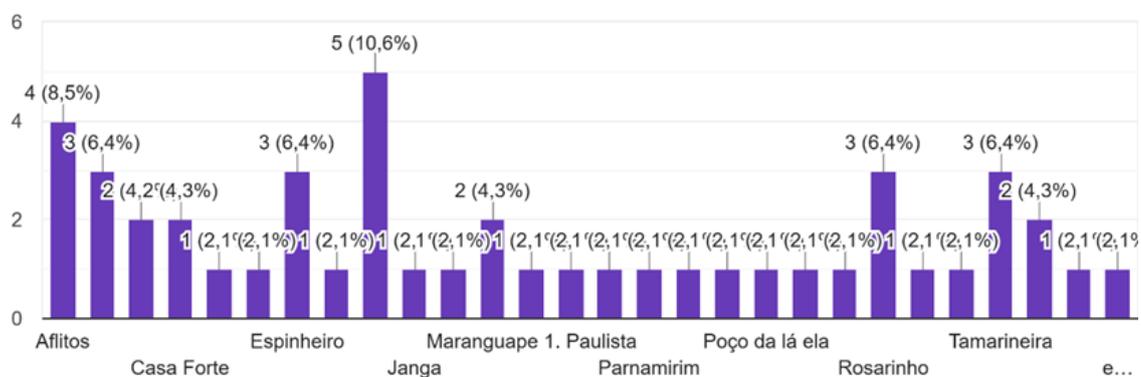
Nome

47 respostas



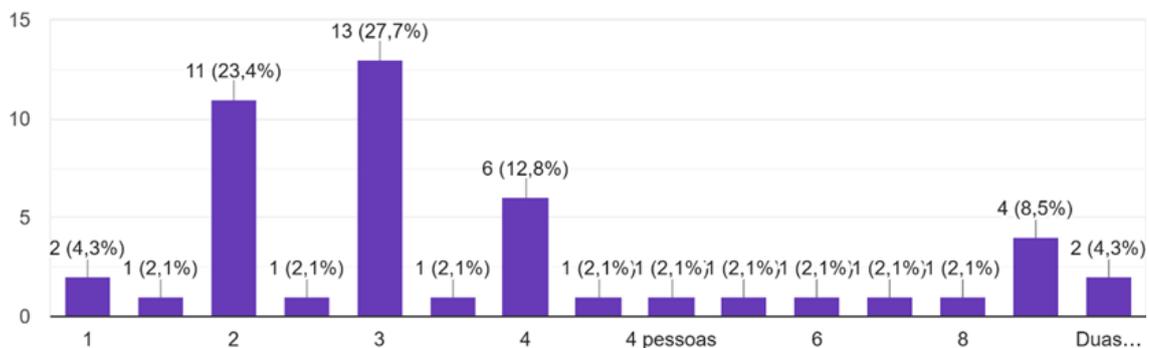
Em qual bairro do Recife se localiza o seu apartamento?

47 respostas

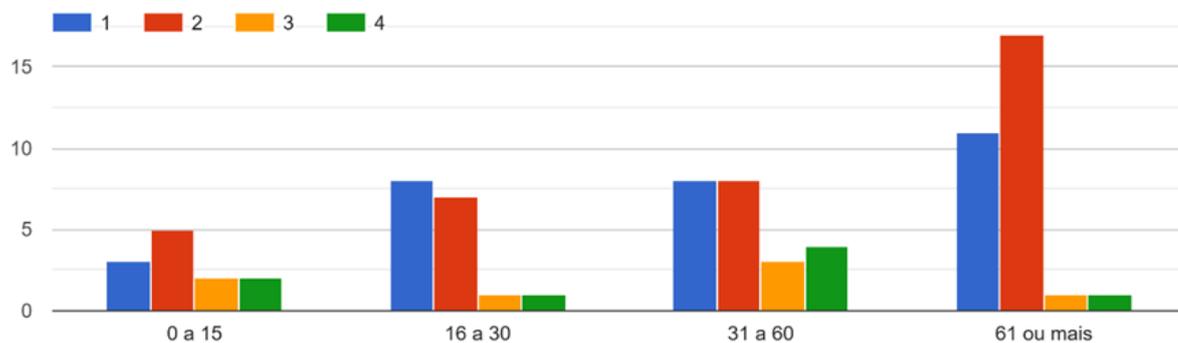


quantas pessoas moram no seu apartamento?

47 respostas

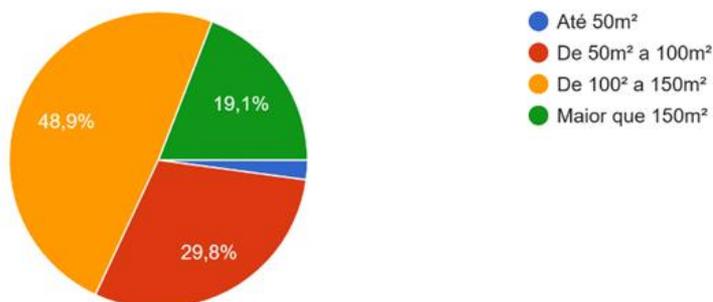


Quais as idades dos moradores?

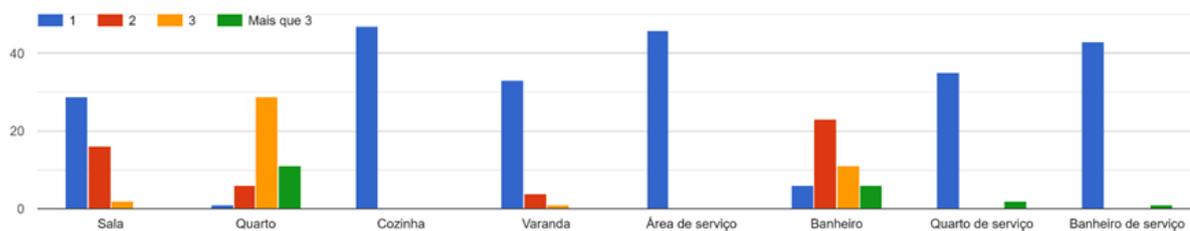


Quantos metros quadrados tem o seu apartamento?

47 respostas

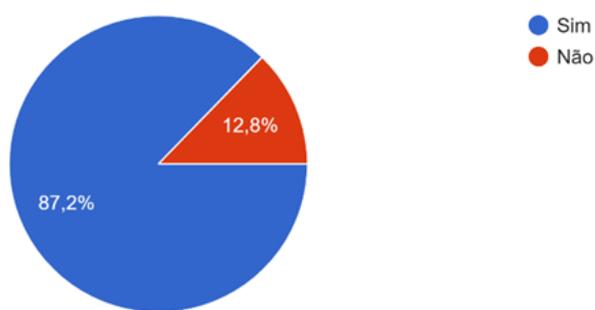


Enumere a quantidade de cômodos do seu apartamento

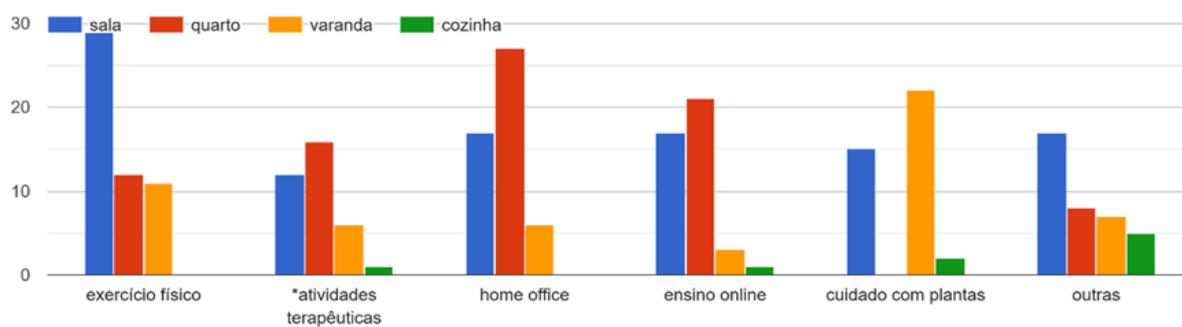


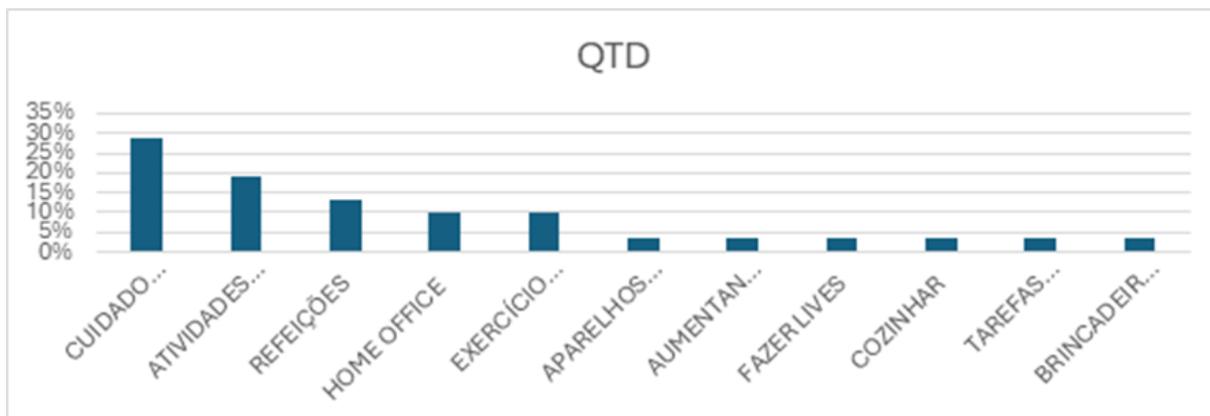
Você realizou, durante a pandemia, em seu apartamento, alguma atividade que não costumava fazer antes da COVID 19?

47 respostas



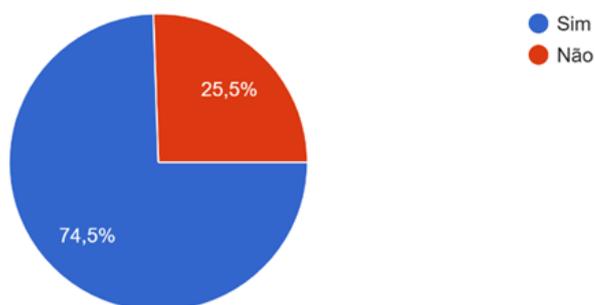
Se respondeu sim na questão anterior, quais foram as atividades e em quais cômodos?





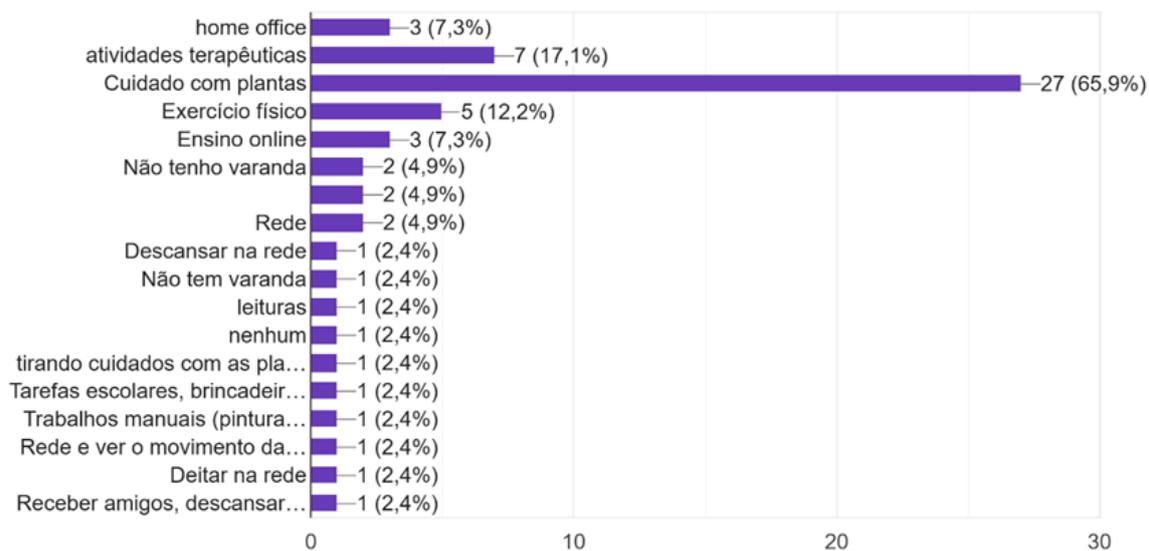
Seu apartamento tem varanda? caso tenha varanda, responda as perguntas seguintes.

47 respostas



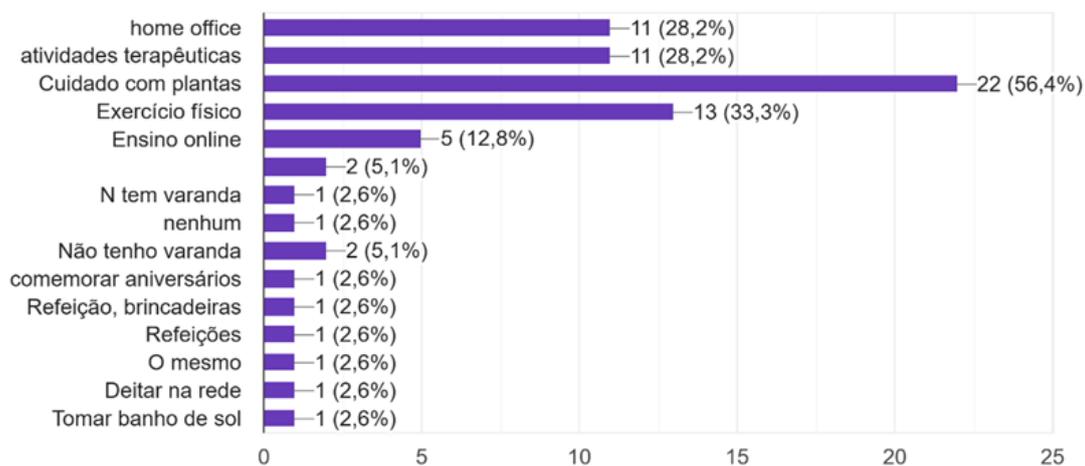
quais foram as atividades realizadas na varanda antes da pandemia?

41 respostas



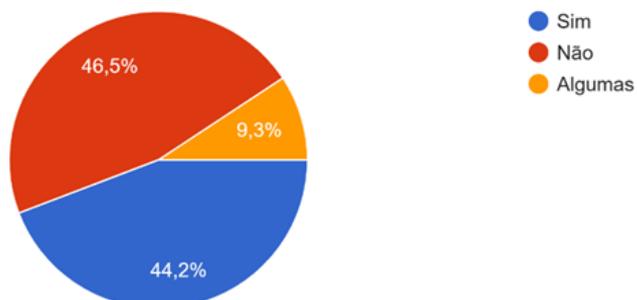
quais foram as novas atividades realizadas na varanda durante a pandemia?

39 respostas



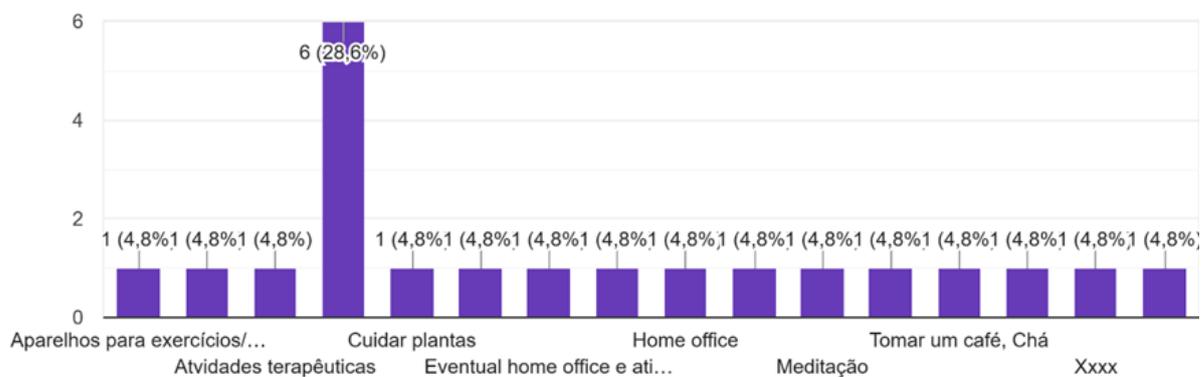
Continua fazendo essas novas atividades relatadas na questão acima?

43 respostas



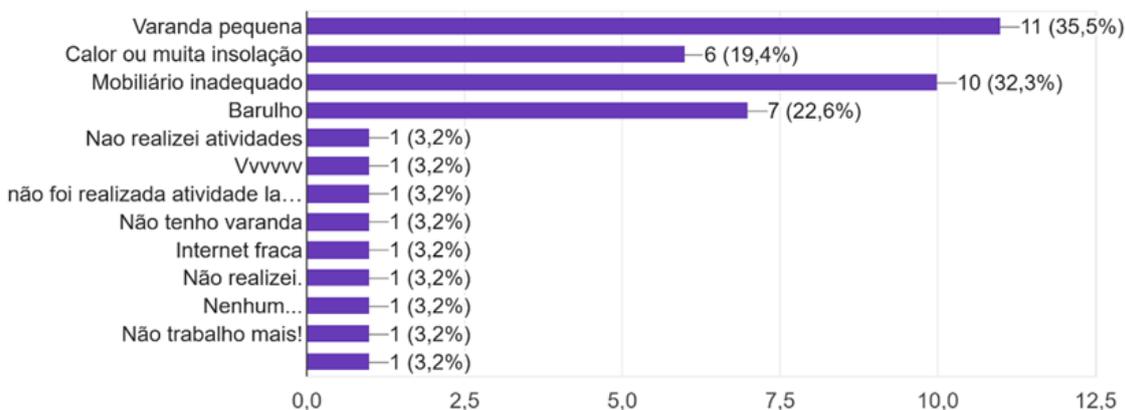
Se a resposta acima foi a opção "sim" ou "Algumas", cite quais

21 respostas



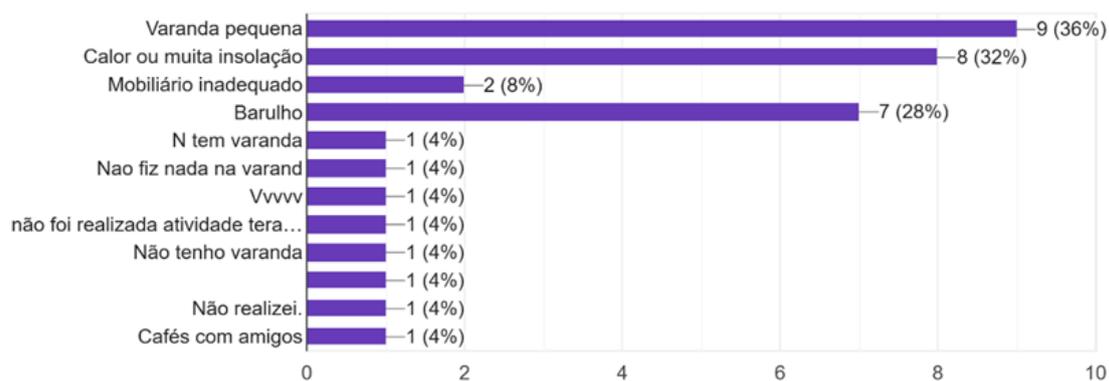
Se durante a pandemia você realizou atividade de trabalho na varanda, quais foram os desafios?

31 respostas



Se durante a pandemia você realizou atividade terapêuticas na varanda, quais foram os desafios?

25 respostas



Se durante a pandemia você realizou atividade de exercício físico na varanda, quais foram os desafios?

27 respostas

